

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CAROLINA DORNELES DOS PASSOS

**ENGAJAMENTO DE PROSTITUTAS: ESTUDO SOBRE AS PROSTITUTAS  
MILITANTES DA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL NÚCLEO DE  
ESTUDOS DA PROSTITUIÇÃO DE PORTO ALEGRE.**

PORTO ALEGRE  
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CAROLINA DORNELES DOS PASSOS

**ENGAJAMENTO DE PROSTITUTAS: ESTUDO SOBRE AS PROSTITUTAS  
MILITANTES DA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL NÚCLEO DE  
ESTUDOS DA PROSTITUIÇÃO DE PORTO ALEGRE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharela em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva

PORTO ALEGRE  
2013

CAROLINA DORNELES DOS PASSOS

ENGAJAMENTO DE PROSTITUTAS: ESTUDO SOBRE AS PROSTITUTAS  
MILITANTES DA ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL NÚCLEO DE  
ESTUDOS DA PROSTITUIÇÃO DE PORTO ALEGRE.

Esta monografia foi julgada adequada como requisito para a obtenção do título de BACHARELA EM CIÊNCIAS SOCIAIS e aprovada em sua forma final pelo Professor Orientador da Atividade de Ensino: Trabalho de Conclusão de Curso em Sociologia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 08 de janeiro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva (UFRGS) - Orientador

Prof. Dr. Mauro Roese (UFRGS) - Membro

Doutorando Gerson de Lima (UFRGS) - Membro



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus familiares, amigos, colegas e professores pela instrução, paciência, companheirismo, dedicação e orientação. Em especial agradeço:

À minha mãe e ao meu irmão pelo incentivo, apoio e amor constantes.

Às queridas Alexandra, Francieli, Gabriela, Cecília e Bruna e aos queridos Abel, Guilherme e Rafael pela amizade, divertimento e compartilhamento durante a graduação.

Aos colegas e professores tutores do Programa de Educação Tutorial do curso de Ciências Sociais da UFRGS, que durante quatro anos foram os grandes parceiros de aprendizado, de produção, de participação em congressos, de risos e de choros.

Ao professor Marcelo Kunrath Silva pela pacienciosa orientação.

Ao professor Mauro Roese e ao Gerson de Lima por aceitarem participar da banca examinadora deste trabalho.

Ao Diego pelo carinho e compreensão fundamentais nos momentos finais de construção deste trabalho.

E finalmente, agradeço a todas as mulheres envolvidas no Núcleo de Estudos da Prostituição por me acolherem na entidade e por permitirem a realização do campo desta pesquisa no seu espaço de lutas.

*As pessoas me perguntam o que penso da opinião da sociedade em relação às prostitutas e eu digo que nós somos a sociedade.*

*Janete*

*Sou puta sim, vou vivendo do meu jeito, prostituta atacante vou driblando o preconceito.*

*Nega Gizza*

## RESUMO

O presente trabalho versa sobre o processo de engajamento associativo de mulheres prostitutas na Organização não Governamental Núcleo de Estudos da Prostituição – NEP –, em Porto Alegre. A investigação parte da busca por identificar o significado do engajamento e da mobilização para mulheres prostitutas. Além disso, procuramos verificar a intencionalidade das prostitutas ao buscar o NEP e as eventuais mudanças que se produzem nesta intencionalidade a partir da interação que estabelecem com/na organização. Para tanto, analisamos se essas mulheres procuram a entidade por uma identificação com sua causa ou por motivos pragmáticos e, na interação, vão incorporando/ compartilhando identidades; e se são modificados os sentidos que as prostitutas atribuem ao NEP e à sua participação. A pesquisa classifica-se como um estudo de caso e foi desenvolvida por meio de observação participante na sede da ONG, de entrevistas com as prostitutas envolvidas na organização, bem como de pesquisa documental. Com base na análise dos dados coletados e no referencial teórico procuramos assinalar algumas dimensões envolvidas no processo de engajamento de prostitutas, como as questões sobre retribuição e reconhecimento, o significado do engajamento no mundo da prostituição e do envolvimento em uma entidade com as características do NEP. Ao buscarmos os motivos das prostitutas envolverem-se na entidade, nos deparamos com os aspectos materiais e simbólicos da participação sócio-política. Nesse sentido, consideramos que as prostitutas envolveram-se na entidade pela busca por retribuições. Assim, podemos inferir que no caso analisado, inicialmente as mulheres prostitutas procuram engajar-se no NEP por motivos pragmáticos: necessitam dar fim à violência sofrida por meio de abusos e agressões policiais. Posteriormente, essas mulheres decidem dar continuidade à militância, incorporando outras motivações, como a luta pela prevenção de DST, HIV e AIDS, pela promoção da autoestima da mulher prostituta, bem como por uma reintegração social, compartilhando a identidade de militante. Ao percebermos o engajamento como um processo de *cidadanização*, concluímos que ele pode, no mundo da prostituição, ser caracterizado como a busca por justiça social.

Palavras-chave: Engajamento associativo; Prostitutas; Retribuições do engajamento; Reconhecimento; Cidadania.

## ABSTRACT

This work presents the process of prostitute women's associative involvement at the non-governmental organization "Núcleo de Estudos da Prostituição" - NEP - in Porto Alegre. Initially, the investigation identifies the meaning of the engagement and the mobilization for prostitute women. Then, the work verifies the prostitutes' intentions to get in the NEP and eventual changes that might occur in that first motivation from the interaction they have with / in the organization. Therefore, it is analysed whether these women seek the NEP by an identification with its cause or by pragmatic reasons – which, from the interaction, are incorporating/sharing identities, and if there are any changing of meaning that prostitutes may attribute to NEP as well as their participation on it. The research is a case study and has been developed through participant observation at the NEP, interviews with prostitutes involved in the NEP, as well as documentary research method. Based on analysis of data collected and theoretical aspects, the work has tried to highlight some issues involved in the process of prostitutes' engagement, such as questions about the retribution and recognition, the meaning of engagement in the world of prostitution and the involvement in an entity with the NEP characteristics. As we seek the reasons of the prostitutes involved in the organization, we face the material and symbolic aspects of this engagement. In this sense, we consider that the prostitutes have engaged in NEP to looking for retribution. Thus, we can infer that in the case analyzed, initially women prostitutes seek to engage in NEP for pragmatic reasons: they need to give an end for the violence suffered by police abuse. Subsequently, these women decide to continue militancy, incorporating other motivations, such as the fight for prevention of STDs, HIV and SIDA, promotion of self-esteem of prostitute women, and a social reintegration, sharing the identity of militants. When we perceive engagement as a citizenship process, the work concludes that associative involvement in the world of prostitution can be characterized as the search for social justice.

Keywords: Associative engagement; Prostitutes; Compensation engagement; Recognition; Citizenship.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AGP – Associação Gaúcha de Prostitutas

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações

DST – Doença Sexualmente Transmissível

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

NEP – Núcleo de Estudos da Prostituição

ONG – Organização Não Governamental

RBP – Rede Brasileira de Prostitutas

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **Sumário**

Introdução	10
1 – Referenciais teóricos	14
2 – Organização e mobilização de prostitutas	20
3 – As prostitutas militantes no NEP	27
4 – Análise das Trajetórias de engajamento no NEP	32
Considerações Finais	39
Referências	42
Apêndice – Roteiro de Entrevista	44
Anexo – Materiais elaborados pelo NEP	45

## Introdução

A forma como o debate acadêmico discutiu a prostituição e as prostitutas, especialmente ao final dos anos de 1970 e nos anos de 1980, produziu, em alguns casos, uma ideia de vitimização dessas mulheres, tratando-as como atores sociais sem agência sobre suas escolhas profissionais. Esse tipo de debate atribuía à prostituição um caráter de condenação e às prostitutas um comportamento desviante<sup>1</sup>.

Após este período, entretanto, no Brasil, surgiram alguns enfoques diferenciados para a questão da prostituição. Trabalhos de pesquisadoras como Adriana Piscitelli (2003; 2005; 2006; 2007; 2008), trazem discussões acerca de gênero, sexualidade, mercado e turismo sexual. Letícia Tedesco (2008) faz discussões sobre gênero e cidadania no mundo da prostituição. Além dessas, podemos destacar os trabalhos de Aparecida Moraes (1995), Andreia de Mello (2007; 2010) e José Miguel Olivar (2010), que exploraram a questão da prostituta como sujeito organizado e político. Seguindo nesta linha de problematização da prostituição enquanto atividade passível de fundar processos de organização e participação sócio-política, a presente pesquisa trata de um estudo acerca do engajamento associativo de prostitutas, a partir da análise das intencionalidades e identidades de prostitutas participantes da ONG Núcleo de Estudos da Prostituição – aqui tratado como NEP –, em Porto Alegre.

Assim, vale salientar que a sociologia do engajamento militante procura dar conta de “toda forma de participação duradoura em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa” (SAWICKI e SIMÉANT, 2011, p. 201). Nesse sentido, podemos afirmar que o presente trabalho se classifica como um estudo dos movimentos que se desenvolveram sob a forma associativa, seguindo uma abordagem destacada por Sawicki e Siméant (2011) sobre a produção científica na França nos últimos vinte anos. Neste caso, a forma associativa seria a mobilização de prostitutas, que culminou na fundação e na manutenção de uma Organização não Governamental em defesa da categoria.

Esta investigação foi orientada pelos seguintes objetivos:

---

<sup>1</sup> Ver GOLDWASSER (1977); GASPAR (1985).

- 1) Identificar o significado do engajamento e da mobilização para mulheres prostitutas;
- 2) Verificar a intencionalidade das prostitutas em buscar o NEP e as eventuais mudanças que se produzem nesta intencionalidade a partir da interação que estabelecem com/na organização;
- 3) Expandir a análise acerca da ação coletiva no campo da prostituição.

A fim de alcançarmos esses objetivos, coube-nos questionar se as prostitutas procuram o NEP por uma identificação com sua causa ou por motivos pragmáticos e, na interação no interior da organização, vão incorporando/compartilhando identidades? Além disso, questiona-se se os sentidos que as prostitutas atribuem ao NEP e à sua participação a partir da interação que estabelecem são modificados? E, se são, de que maneira isso ocorre?

Compreendemos que o processo de produção de conhecimento “está em uma permanente busca, não por verdades absolutas, mas por explicações mais adequadas aos objetos de estudo” (COTANDA; SILVA; ALMEIDA; ALVES, 2008, p. 65). Para tanto, é necessário fazer aproximações entre teoria e empiria, ou seja, opções metodológicas e instrumentais adequadas à resolução das problemáticas da pesquisa.

Nesse sentido, ao classificarmos este trabalho como um estudo de caso, concordamos com a definição de que

O estudo de caso não tem por objetivo proporcionar resultados generalizáveis do ponto de vista estatístico; ao contrário, seu desenho está voltado para a compreensão total e intensiva de um fenômeno, no que diz respeito à sua dinâmica de funcionamento, permitindo vislumbrar os processos sociais na sua complexidade, de tal forma que seja possível confrontar os achados da pesquisa com as teorias já existentes, possibilitando um diálogo entre ambos (COTANDA; SILVA; ALMEIDA; ALVES, 2008, p. 70).

Dessa forma, a pesquisa foi desenvolvida por meio de observação participante na ONG, de entrevistas com roteiro estruturado com cinco das seis prostitutas até então engajadas no NEP, bem como de pesquisa documental em materiais publicados pela entidade e por outros pesquisadores a respeito da instituição. A inserção em campo deu-se no sentido de uma reaproximação com ONG, como descrito nos trechos que seguem do diário de campo:

*Conheci a entidade durante a aplicação de questionários com prostitutas de Porto Alegre, para exercício de pesquisa de uma disciplina, em 2009. Naquela época o contato inicial foi com a*

*Nilce, quem tinha participado de um debate no II Encontro de Mulheres da UFRGS, organizado pelo Coletivo de Mulheres da UFRGS, no mesmo ano. Fui encontrá-la acompanhada por uma colega de curso e a Nilce nos recebeu na sede do NEP, no 6º andar da Galeria Malcon, espaço onde se encontra até hoje. Apresentou-nos à Tina, fundadora da ONG e às demais mulheres que estavam lá, na ocasião, Dete e Rô.*

*Quando retornei ao NEP, em junho de 2011, procurei pela Tina, pois imaginava que seria através dela que obteria autorização para executar a pesquisa junto às prostitutas engajadas na ONG. Na ocasião, estava presente a Leina, uma cientista social formada pela UFRGS, por meio da qual ouvi falar pela primeira vez da existência do NEP. A Leina trabalhava como voluntária no NEP e foi ela quem me orientou a persistir, visitar a ONG, buscar uma aproximação com as prostitutas vinculadas ao NEP, pois seriam elas quem me autorizariam, ou não, a fazer a pesquisa.*

*Assim, voltei ao NEP, contatei novamente a Nilce e fui apresentada à Soila. Expliquei a elas a temática do meu trabalho, e fui convidada para ser “voluntária” do NEP, já que eu precisaria estar na ONG para executar a pesquisa. Entendi, desde então, que seria um ato de reciprocidade: exerceria as tarefas solicitadas pelas mulheres envolvidas no NEP em troca das informações que eu necessitava para o trabalho. Com o tempo, essa relação de reciprocidade foi ficando muito clara nas falas das prostitutas e da Tina, uma vez que comentavam que estavam cansadas de serem abordadas por estudantes e pesquisadores, sem receberem uma “contrapartida”.*

*Passei a frequentar o NEP nas quintas-feiras à tarde, pois era um turno no qual havia um desfalque de pessoas para fazer o atendimento ao público, que se resumia à distribuição de preservativos masculino e feminino e de gel lubrificante, ao encaminhamento médico para o Hospital Presidente Vargas, em Porto Alegre, assim como, a questionamentos sobre a situação do local de trabalho das mulheres. Além disso, participei de três oficinas realizadas pela entidade com prostitutas de salas comerciais do centro de Porto Alegre. Nessas oficinas foram feitos esclarecimentos sobre funcionamento e finalidades do NEP, abordados temas como a situação da prostituição no Brasil, no que se refere à valorização (e à desvalorização) econômica da atividade e às ações policiais em salas de prostituição, como a situação da AIDS no Brasil e no Rio Grande do Sul, assim como as condições de trabalho em condomínios comerciais.*

A partir disso, este trabalho estrutura-se da seguinte maneira: o primeiro capítulo faz alusão ao conceito de ação social (FRAGA, 2000; SANTOS, 2000; QUINTANEIRO, 2003), aos estudos de sociologia do engajamento militante, especialmente no que se refere à socialização militante (QUIRÓS, 2008, 2009; MORENO e ALMEIDA, 2009; SAWICKI e SIMÉANT, 2011) e às retribuições do engajamento; à teoria crítica do reconhecimento (FRASER *Apud* SOUZA, 2000; MENDONÇA, 2009; RABELO, 2011). Em seguida apontamos uma breve perspectiva a respeito da prostituição, bem como a forma como este trabalho se situa nesse campo de estudo. No terceiro capítulo expomos pontos a serem

consideramos sobre organização e mobilização de prostitutas, bem como a história e o funcionamento do NEP, suas propostas e diretrizes. A seguir, apresentamos as prostitutas engajadas ao NEP e, posteriormente, analisamos suas trajetórias de engajamento na instituição, buscando trazer subsídios para responder à problemática de pesquisa. Ao final, procuramos assinalar algumas dimensões envolvidas no processo de engajamento de prostitutas, como as questões sobre reconhecimento e retribuição, o significado do engajamento no mundo da prostituição e do envolvimento em uma entidade com as características do NEP.

## 1. Referenciais teóricos

Para dar conta da temática abordada nesta pesquisa, vale ceder a uma retomada na ideia de ação social do sociólogo alemão Max Weber, já que ela está presente na análise sobre a qual nos debruçamos. Weber dedicou-se às relações existentes entre a racionalização das condutas humanas nas diversas esferas da vida e o desenvolvimento capitalista. Seu interesse era compreender os comportamentos humanos, esboçados naquele novo contexto da era industrial.

Weber parte do individualismo metodológico para o entendimento das questões sociais, isto é, pressupõe que a unidade de análise para a compreensão da complexidade social é a ação dos indivíduos em suas interações, a chamada sociologia compreensiva. Segundo Fraga (2000), o objetivo é captar o sentido subjetivo das ações e perceber que para cada ação há uma pluralidade de combinações de intenções.

A elaboração de um instrumento de auxílio para compreensão dos comportamentos sociais, a saber, o tipo ideal, foi fundamental para que Weber obtivesse um modelo de interpretação e investigação, com o qual iria analisar as sociedades e as formas de ação. Segundo Quintaneiro (2003), Weber define ação social como sendo toda conduta humana intencional, dotada de um sentido subjetivo dado por quem a executa e orientada pelas ações dos outros.

Sendo assim, Weber não estava interessado nas ações em geral, mas naquelas que são realizadas por um agente visando o outro sujeito: "A ação social, portanto, é uma ação em que o sentido indicado por seu sujeito ou sujeitos refere-se à conduta de outros, orientando-se por esta em seu desenvolvimento" (WEBER *Apud* FRAGA, 2000, p. 79).

As ações sociais, referendadas na intencionalidade, criam uma probabilidade e frequência de se realizarem e, ao mesmo tempo, geram expectativas nos agentes. A interação social fruto desta intencionalidade mais ou menos consciente é que cria um fluxo de significação do mundo. O sentido das nossas ações está relacionado com a intenção e expectativas das mesmas.

Nesse sentido, Weber constrói tipos ideais de ação social que podem se enquadrar na sociedade. Com o intuito de analisarmos as motivações e interações das prostitutas ao se engajarem ao NEP, interessa aqui a ação social racional em relação a valores e a ação social racional em relação a fins. Por ação conforme

valores entende-se aquela em que o indivíduo considera apenas suas convicções pessoais e sua fidelidade a tais convicções; o sentido da ação não é colocado no seu fim, mas em si mesmo. O fundamental são os meios, os valores defendidos, o resultado desta ação não é tão importante.

Ação conforme fins é aquela praticada com um objetivo previamente definido, visando apenas o resultado. O indivíduo persegue objetivos estabelecidos utilizando-se de meios ou condições adequadas. Segundo Santos (2000), existe um cálculo racional entre meios e fins que é rigorosamente seguido pelos sujeitos. Os fins são sempre objetivados racionalmente neste tipo de ação. Dessa forma, acentua-se o caráter de intencionalidade dos agentes, no qual o cálculo, a previsão e o planejamento se confundem com os próprios fins perseguidos.

A partir da multiplicação das ações sociais, se constituirá o que Weber chama de relações sociais – elas guardam no fundo um processo complexo de conexões de sentidos, onde reciprocidade, interação e intencionalidade são elementos indispensáveis para caracterização do que se entende por sociedade.

Os processos de engajamento militante são possíveis não apenas baseados nas intencionalidades da ação de indivíduos, mas também no estabelecimento de alianças entre eles, ou seja, nas relações, nas interações. Sendo assim, destacamos as contribuições de Frédéric Sawicki e Johanna Siméant segundo os quais a existência de uma comunhão de ideias não basta para nortear uma pessoa a determinado grupo mobilizado; na maior parte dos casos, é imprescindível a mediação de pessoas próximas, a chamada socialização militante.

Sobre esse assunto podemos ainda nos remeter ao trabalho de Rosangela Carrilo Moreno e Ana Maria Almeida as quais, ao investigarem os elementos necessários para que um grupo de indivíduos aja em comum acordo e chegue a criar uma organização, salientam que o simples fato de vários indivíduos compartilharem um mesmo objetivo não é suficiente para levá-los a dar os passos necessários para institucionalizar a luta por esse objetivo, transformando-o em base para a criação de uma associação (MORENO e ALMEIDA, 2009).

Nesse sentido, acreditam que se abre uma brecha para o estudo acerca da institucionalização da ação coletiva:

Processos de articulação da ação de indivíduos no interior de um grupo determinado, que levam à definição do seu papel, de suas regras de funcionamento ou, talvez mais precisamente, de uma identidade passível de ser reconhecida tanto pelos próprios membros, quanto por aqueles que

estão fora do grupo e, entre estes últimos, particularmente por aqueles contra quem se posicionam. (MORENO e ALMEIDA, 2009, p. 60).

No entanto, as autoras sublinham que mesmo que haja entre os indivíduos uma identidade de posição social e que eles tenham vivenciado uma posição dominada levando-os a indignar-se e engajar-se em grupo, a investigação referente ao processo de criação de uma organização prova que isso não seria possível sem o estabelecimento de alianças.

Sob esse ponto de vista, portanto, a militância não é vista como “um desdobramento automático resultado de disposições individuais construídas ao longo do processo de socialização” (MORENO e ALMEIDA, 2009, p. 132). A militância é vista como o produto das interações, as quais se desenvolvem num espaço social “concretizado em instituições, modos de fazer, modos de pensar que orientam microdecisões cotidianas que, por sua vez, configuram num determinado momento do tempo, a ação política coletivamente articulada” (MORENO e ALEMEIDA, 2009, p. 132).

A partir dessas perspectivas, vale ressaltar, ainda, algumas contribuições teóricas acerca das retribuições do engajamento. A participação e o engajamento militante trazem consigo aspectos multidimensionais de retribuição, isto é, podem resultar em retribuições materiais e/ou em retribuições simbólicas. Esse ponto de vista auxiliou-nos durante a investigação no que se refere às motivações de engajamento das prostitutas no NEP.

Para tanto, utilizamos a abordagem de Julieta Quirós que, ao explorar algumas dimensões das relações que *piqueteros* e *punteros* (cabos eleitorais) com o Estado e com a população na Grande Buenos Aires, afirma que, sob um ponto de vista, a necessidade é o que direciona as pessoas à política. No entanto, a autora salienta que essa perspectiva depaupera a vivência das pessoas, as quais muitas vezes se movem, ou são conduzidas à política, por forças que vão além do “para algo” (QUIRÓS, 2008).

Além disso, segundo a autora, no campo acadêmico da ação coletiva e dos movimentos sociais, debateu-se sobre as visões materialistas, especialmente recuperando a formulação de Edward Thompson sobre a chamada “visão espasmódica” da ação: “visão que reduz a mobilização coletiva a uma reação mecânica à necessidade, e as práticas dos setores populares a motivações meramente instrumentais” (QUIRÓS, 2009, p. 133). A partir de perspectivas que

interrogam a motivação dos atores que participam em ações de protesto, a razão material na qual se fundamenta a visão espasmódica e economicista é contestada com razões de ordem moral: as pessoas encontram em movimentos e ações coletivas reconhecimento, visibilidade social e dignidade. Assim, se calcula que a base das relações, assim como das motivações das pessoas envolvidas em ações coletivas, está naquilo – material, político e/ou moral – que se busca e/ou se obtém: recursos de subsistência, dignidade, pertencimento, poder, afirmação identitária.

Frédéric Sawicki e Johanna Siméant, ao exporem algumas tendências dos trabalhos franceses no que se refere à Sociologia do engajamento militante, chamam atenção para renovação deste campo de pesquisa sociológica, bem como para o refinamento da noção de retribuições da militância.

Os autores apontam algumas dimensões que têm contribuído para transformações nas pesquisas sobre engajamento militante. Interessa aqui, além da dimensão que diz respeito à instauração do paradigma interacionista - a partir do qual se levantou a questão das retribuições da militância e das mutações das formas de engajamento e dos repertórios de ação –, a que se refere justamente aos melhoramentos no modelo das retribuições do engajamento militante.

Inicialmente manifestou-se uma preocupação de especificar a dimensão relacional das retribuições, visto que só podem ser pensadas a partir do que significam em uma posição social específica. [...] O problema não é tanto decretar que determinada atividade proporciona retribuições “simbólicas”, mas sim compreender por que certas práticas militantes as proporcionam e permitem, mais do que outras, extrair uma gratificação disso sem terem sido, aliás, antecipadas (LAGROYE e SIMÉANT *Apud* SAWICKI e SIMÉANT, 2011).

Para darmos conta dos sentidos que as prostitutas dão à sua participação no NEP, lavamos em consideração a teoria crítica do reconhecimento de Nancy Fraser a partir da qual a autora propõe uma integração entre os conceitos de reconhecimento e de redistribuição para se obter justiça social, bem como para reforçar processos de cidadanização. Segundo Mendonça (2009), Fraser parte da noção weberiana de *status* para reformular a ideia de reconhecimento e, diferentemente de Charles Taylor, ela afirma que a justiça deve ser medida não pela autorrealização, mas pela paridade de participação.

Por um lado, tradicionalmente o reconhecimento esteve associado a políticas de promoção da identidade do grupo. Ao formular a teoria do reconhecimento, Taylor esteve preocupado com os processos de construção do *self*, propondo que os indivíduos dependem do reconhecimento intersubjetivo para se autorrealizarem. A

fim de tornarem possível essa autorrealização, as pessoas lutam por dignidade e para que suas particularidades sejam reconhecidas.

De acordo com Mendonça (2009), a intersubjetividade é importante na teoria de Taylor à medida que o reconhecimento não pode ser concedido, alcançado ou doado. Nesse sentido,

O reconhecimento não está restrito a fins específicos, nem é limitado a conquistas na esfera de direitos garantidos pelo Estado. Ele não é um prêmio final que liberta grupos oprimidos. A luta por reconhecimento [...] não é nada mais do que um processo permanente em que a sociedade reflexivamente se transforma e altera padrões de relação social. Admitir que se trata de uma luta intersubjetiva é assumir que ela se constrói na relação com o outro. É perceber que os objetivos, as estratégias e as próprias identidades não estão postos de antemão, mas se constroem na ação conjunta. A ideia chave para a teoria do reconhecimento é, portanto, a de relação. (MENDONÇA, 2009, p.147)

Segundo Souza (2000), por outro lado, Fraser buscou tornar a temática do reconhecimento algo operacional para o esclarecimento dos conflitos políticos da modernidade tardia, haja vista que na base de lutas nacionalistas, étnicas, raciais, de gênero e sexuais estão as demandas por reconhecimento da diferença. A questão da identidade grupal extrapola a dimensão do interesse de classe como motivação primária da mobilização política. Nesse sentido, a autora sugere o desenvolvimento de uma teoria crítica do reconhecimento que considera além dos aspectos redistributivos econômicos, os simbólico-culturais.

Ao produzir o modelo de *status*, Fraser entende o reconhecimento como igualdade de posição social. Dessa forma, “o que exige reconhecimento não é a identidade específica de um grupo, mas a condição dos membros do grupo como parceiros integrais na interação social” (FRASER *Apud* RABELO, 2011, p.46).

Destaca Souza (2000) que novos movimentos sociais aparecem na cena política com demandas que tem por fundamento uma identidade cultural, fundamentada na reivindicação de reconhecimento à diferença. Dessa forma, existiria uma injustiça simbólica-cultural, uma injustiça de reconhecimento, causada por padrões sociais de autorrepresentação, interpretação e comunicação. Os resultados desta injustiça

São a hostilidade, a invisibilidade social e o desrespeito que a associação de interpretações ou estereótipos sociais reproduzem na vida cotidiana ou institucional. Este tipo de comportamento implica um prejuízo da autoestima de indivíduos e grupos, mediante processos intersubjetivos. (SOUZA, 2000, p.157)

Para remediar esse tipo de injustiça, seria essencial uma reestruturação da ordem simbólica, “envolvendo uma reavaliação das identidades desrespeitadas e o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural” (RABELO, 2011, p. 48).

Afirma Rabelo (2011) que, para Fraser, uma abordagem que dê conta da injustiça social deve considerar tanto as dinâmicas próprias de uma economia capitalista quanto as suas interações com a ordem de status. Assim, “se o reconhecimento remete a uma questão de posição social, [...] o não reconhecimento significa subordinação social no sentido de ser privado de participar como um igual na vida social” (RABELO, 2011, p.46).

Fraser, por meio de uma concepção holista de reconhecimento, reporta-se ao projeto de uma sociedade na qual os indivíduos ocupam posições igualitárias, com igualdade de status e fundamentada na cidadania.

Para garantir a condição cidadã dos indivíduos, inicialmente seria necessário o reconhecimento do pertencimento à comunidade política. (SOMERS *Apud* RABELO, 2011. p.63). Posteriormente, sua concepção de cidadania envolveria os diversos tipos de direitos a serem gozados a partir daquela condição primordial plenamente reconhecida. Além disso,

Inserir o reconhecimento na esfera da cidadania significa dar-lhe um estatuto que vai além da auto-estima pessoal ou dos direitos de um grupo específico. Significa que o reconhecimento passa a ser concebido como um dos critérios de justiça da sociedade (NEVES *Apud* RABELO, 2011, p. 64).

Em síntese, no campo da participação e da mobilização, entendemos que a intencionalidade dos indivíduos ao agirem – ação social em Max Weber – somada ao estabelecimento de alianças entre sujeitos – socialização militante em Rosangela Carrilo Moreno e Ana Maria Almeida – resulta no que compreendemos como processo de engajamento militante. Por meio desse engajamento, o sujeito obtém algumas retribuições de ordem material, como ganho de recursos financeiros, e outras de ordem simbólico-morais, como a valorização, a dignidade e o reconhecimento – retribuições do engajamento em Julieta Quirós; Frédéric Sawicki e Johanna Siméant. Assim, a dimensão de reconhecimento, entendida como igualdade de *status* – em Nancy Fraser –, seria a essência da busca por justiça social e por cidadania das mulheres prostitutas engajadas no NEP.

## 2. Organização e mobilização de prostitutas

A partir dos anos de 1990, as Organizações não Governamentais passaram a obter legitimidade para sociedade civil brasileira e a ser reconhecidas legalmente pelo Estado. Com a lei 9.790 de 1999, dispõe-se sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, assim como são estabelecidas e limitadas as parcerias com recursos públicos.

Com isso, passa-se a ter uma relação de dependência mútua entre o Estado e as ONGs (GONÇALVES *Apud* MELLO, 2007). Por meio de subsídios, há um apelo do Estado às organizações para manter a oferta de serviços e bens coletivos sociais e, assim, atenuar as insuficiências da administração (SAWICKI e SIMÉANT, 2011), ao mesmo tempo em que as ONGs necessitam desses subsídios para manterem-se em funcionamento. Tal relação de interdependência

Modificou consideravelmente os modos de organização e de gestão das associações e levou a uma profissionalização dos status e das funções dos voluntários ou militantes, que assemelha o funcionamento das associações ao das empresas (PROUTEAU *Apud* SAMICKI e SIMÉANT, 2011, p. 232).

Conforme Sawicki e Siméant (2011, p. 237), a *profissionalização* é um meio para analisar as transformações da militância e de suas concepções legítimas, pois remete a modificações efetivas da ação pública, marcadas pela terceirização de grande parte das políticas sociais delegadas às associações.

Segundo Mello (2007), no Brasil, um exemplo dessa situação são as chamadas ONGs-AIDS, que na sua maioria estão voltadas à prestação de serviços que o Estado não provém de maneira suficiente e/ou adequada. Segundo a autora, quando surgiram, essas organizações eram marcadas por forte idealismo e, posteriormente, tornaram-se um espaço de afirmação profissional.

Apesar disso, com a epidemia da AIDS as ONGs-AIDS formaram alianças com o movimento de prostitutas, o que tornou-se uma parceria de extrema importância para o movimento organizado de prostitutas, já que a maioria dos movimentos sociais tinha dificuldades em assumir as prostitutas e suas associações como um movimento social (BRASIL *Apud* MELLO, 2007). Estes dois grupos de organizações agiam em cooperação em prol de um bem comum: a luta contra o HIV e a favor da cidadania.

A inclusão da discussão sobre a epidemia de AIDS também na agenda do movimento de prostitutas integrou o processo de desconstrução do

recrudescimento das respostas sociais de discriminação e de preconceito dirigidas às populações específicas que compunham o rol dos “grupos de risco”, segundo Guimarães e Hamann (2005). Desse modo, apesar do germe da história do movimento de prostitutas ser anterior à epidemia, é a AIDS o seu eixo de organização e fortalecimento, por ter se tornado um “inimigo comum”. (MELLO, 2007, p.54)

Por meio de manuais publicados e distribuídos pelo Ministério da Saúde, diversas organizações de prostitutas, como o NEP, a Davida e a APROCE<sup>2</sup>, ligadas à Rede Brasileira de Prostitutas – RBP –, passam a receber orientações e subsídios para o planejamento e a implantação de ações de prevenção das DST /AIDS voltadas a pessoas que exercem prostituição, bem como preparar recursos humanos para implementar, supervisionar e avaliar programas e ações educativas nessa área. Dessa forma, as prostitutas se apoderam desse tipo de ações, dos discursos inerentes a elas e passam a integrar equipes de educadoras, a mobilizar as colegas de profissão e a pensar na execução dessas ações.

Ao politizar a prevenção, esse movimento potencializa suas ações políticas e as amplia para a sociedade em geral, para que obtenha a legalização da profissão, componente importante da estratégia para a atenuação dos fatores que tornam o grupo vulnerável à doença. (GUIMARÃES e HAMANN *Apud* MELLO, 2007 , p.56)

A partir dessa ideia, é importante também destacar a construção ideológica sobre a prostituição e como o movimento organizado de prostitutas no Brasil se posiciona nesse campo. Segundo sistematizações feitas por Piscitelli (2007), Mello (2007) e Tedesco (2008), existem diferentes modelos legais nos quais a prostituição pode ser enquadrada quando pesquisada em diversos países:

1) Regulamentarista, que se caracteriza por colocar a prostituição como uma profissão reconhecida e regulamentada, isto é, há uma “tolerância oficial do Estado” (PERNIA *Apud* MELLO, 2007) em relação à prostituição. Conforme descreve Tedesco (2008), embora esse modelo assegure os direitos e as garantias profissionais, é também uma regulamentação conservadora, que exige exames de saúde compulsórios e que determina os locais para o exercício da atividade;

2) Proibicionista, que fixa a prostituição como crime, sob todos os pontos de vista, ou seja, é uma atividade ilegal para quem se prostitui e para quem paga pelo serviço da prostituta;

3) Abolicionista, segundo o qual a ilegalidade recai sobre terceiros, como os agenciadores – os ditos *gigolôs* ou as ditas *cafetinas*– e os proprietários de casas de

<sup>2</sup> Associação de Prostitutas do Ceará.

prostituição. Em longo prazo, o objetivo do abolicionismo é o extermínio da prostituição através da *despenalização* da prostituta (PERNIA *Apud* MELLO, 2007);

4) Autodeterminista, no qual a figura da prostituta é colocada como trabalhadora sexual e como sujeito passível de reivindicar direitos trabalhistas análogos a qualquer serviço que se presta a terceiros. Assim,

Ativistas em defesa dos direitos das prostitutas alegam que uma distinção necessitava ser feita entre prostituição “voluntária”, vista como trabalho legítimo, e prostituição “forçada”, vista como violação dos direitos humanos. De acordo com Doezema (2005), a distinção [...] não nega que há violência dentro da prática da prostituição. Reconhece, contudo, que “a liberdade de escolha” também existe nesse meio e deve ser respeitada. (MELLO, 2007, p. 60).

Conforme aponta Tedesco (2008), o modelo em vigor no Brasil é o abolicionista, pois, de acordo com o Código Penal, não prevê crime para a prostituição, mas pune o cidadão que “mantém local destinado a encontros para fins libidinosos, que tira proveito de prostituição alheia ou que impede que a prostituta abandone as suas atividades”<sup>3</sup>. No entanto, o movimento organizado de prostitutas assume o discurso do modelo autodeterminista que é o seguido “por organizações de prostitutas que defendem a prostituição como um trabalho e consideram a prostituta capaz de definir o rumo de sua própria vida e de fazer suas próprias opções” (MELLO, 2007, p. 60).

No Brasil, essas organizações costumam apoiar o Projeto de Lei nº 98/2003, do ex-deputado Fernando Gabeira, no qual está prevista a *discriminização* dos agentes da prostituição e donos de estabelecimentos de prostituição. O exemplo mais significativo de organização desse tipo no nosso país é a RBP.

A Rede Brasileira de Prostitutas (RBP), oposta a manifestações esparsas, centraliza o movimento organizado no país, na medida em que ordena objetivos, estratégias e metas a serem seguidas pelas organizações e associações que assumem o discurso autodeterminista em relação à prostituta. (MELLO, 2007, p.64)

Com a missão de articular politicamente o movimento organizado de prostitutas e fortalecer a identidade profissional da categoria, nasceu a RBP. Ela surge no Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas, em 1987, como resultado de um esforço inicial para a mobilização da categoria das prostitutas. Reunindo representantes de onze estados brasileiros, o tema do Encontro foi a criação de

<sup>3</sup> Sistematização dos artigos 228, 229 e 230 do Código Penal Brasileiro feita pelo advogado Thiago Lauria, consultor jurídico do projeto JurisWay. Disponível em: <http://www.jurisway.org.br/v2/dropsjornal.asp?pagina=&idarea=&iddrops=239>. Acesso em: junho de 2012.

associações que representassem efetivamente as prostitutas, bem como a definição de estratégias conjuntas de maior eficiência para combater a violência policial, que afligia as prostitutas dos grandes centros urbanos, como era o caso de Porto Alegre.

A organização das prostitutas em Porto Alegre surgiu em 1989, com a criação da Associação Gaúcha de Prostitutas – AGP. Com dificuldades burocráticas de registro da entidade enquanto organização não governamental, sem fins lucrativos, o nome teve que ser substituído por Núcleo de Estudos da Prostituição, mas o objetivo seguiu o mesmo, a saber, combater dois problemas ligados à prostituição: a violência policial de que eram alvo as profissionais do sexo e o estigma que relacionava diretamente prostitutas ao vírus HIV. Segundo o site da instituição, o NEP teve, na sua origem, a ideia básica de enfrentamento da violência dos policiais militares e, posteriormente, da epidemia da AIDS, que no período de 1982 a 1992 foi denominada como uma “doença transmitida pelos grupos de risco” nos quais eram incluídas as prostitutas. Ainda, conforme Tina Taborda, fundadora da ONG, em uma publicação da entidade:

*A instituição nasceu dentro da perspectiva de articular e organizar as prostitutas em busca de sua cidadania que passa pela construção da auto-estima para saúde plena. Na origem de nossa organização está a idéia básica de MUR, Missão Urbana e Rural, programa do Conselho Mundial de Igrejas que identifica áreas sociais de extremas carências, tanto materiais como políticas e sociais, para ali buscar a organização das pessoas envolvidas, no caso as prostitutas, para uma reintegração social, em todas as suas dimensões. Junto a isto, nesse momento, existe a grande necessidade de se organizar o movimento para o enfrentamento da epidemia da AIDS.*

A partir da busca de parcerias com o Conselho de Direitos da Mulher e o Conselho de Direitos Humanos, o NEP estreou sua caminhada organizativa

*Orientando as profissionais do sexo a não se calar quando seus direitos eram violados, e assim, colocar em prática a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 1948, a qual garante a todos o direito à vida, à liberdade, à segurança, etc. Todas recebiam orientações para denunciar qualquer tipo de violência sofrida, procurando amparo nesta lei.*

Além disso, o NEP foi a primeira instituição na Região Sul do país a trabalhar a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis – DST –, do HIV e da AIDS, bem como a saúde e a cidadania junto às mulheres prostitutas. Considerando que a AIDS – e demais doenças – em si não constituía um único problema, senão mais um dentre todos os outros enfrentados pelas profissionais do sexo, o NEP firmou a base de seu trabalho na perspectiva de articular e organizar as prostitutas para lutar

contra o estigma de transmissoras de DST, HIV e AIDS. A vinculação de tais doenças à imagem social de marginalidade, de desvio e de transgressão por parte dos discursos articulados por técnicos da saúde, assim como as políticas formuladas para a prevenção, tornaram as prostitutas – entre outros agentes – responsáveis pela transmissão do vírus.

A estruturação desse trabalho de prevenção só foi possível com a construção de parcerias e convênios, bem como de relações de confiança edificados com as Coordenações Nacional, Estadual e Municipal de DST/HIV/AIDS. Em 1999, as ações de prevenção puderam ser ampliadas, uma vez que a instituição passou a receber recursos do Ministério da Saúde/UNESCO e apoio das Secretarias de Saúde do estado e do município para a execução de projetos nessa área. Até hoje, foram mais de 30 projetos aprovados.

Assim, o NEP desenvolve atividades de intervenções *corpo a corpo* em locais públicos e privados de prostituição, como praças, ruas, salas comerciais – aquela de grandes prédios e galerias com a placa com os dizeres *Bata e Aguarde* – e os ditos *drinks*. Esses *drinks* são espaços que geralmente funcionam durante todo o dia, onde as garotas de programa ficam a espera de clientes e nos quais há espaço para o exercício da atividade. Som a estrondoso volume, pouca iluminação, bebida alcoólica, cigarro e incenso normalmente fazem parte do ambiente nesses lugares. Mesas e cadeiras de bar acolhem as prostitutas e seus possíveis clientes. Geralmente possuem um espaço para dança; em alguns, há televisão com cenas de filmes eróticos sendo exibidas. Resumidamente funciona, mais ou menos, assim: o cliente chega, pede uma bebida, senta perto ou chama alguma das mulheres presentes que ele tenha escolhido ou simplesmente fica observando. Se ele optar por querer um programa com alguma, a profissional do sexo vai até o balcão e solicita um quarto. Pega a chave e, às vezes, toalhas e leva o cliente para uma das acomodações do drink.

A fim de estabelecer um vínculo entre as profissionais do sexo e a instituição, bem como de levantar dados sobre uso de drogas e álcool, de preservativos masculino e feminino, a regularidade de visitas ao médico e sobre o teste anti-HIV, a entidade executa, também, oficinas com diversas temáticas, tais como: saúde e sexo seguro, direitos humanos e cidadania, redução de danos no uso de drogas lícitas e ilícitas, medicamento e nutrição para soropositivos e/ou doentes de AIDS.

O NEP faz atendimento ao público três vezes por semana, de terça à quinta-feira, no qual há: distribuição de preservativos masculinos e femininos e de gel lubrificante, que são retirados pelas prostitutas todo mês na sede da ONG. Para prostitutas que chegam ao NEP pela primeira vez, são feitas fichas de cadastro individualmente, nas quais constam: nome completo, nome de trabalho, local de trabalho, idade, data de início na prostituição, se tem filhos, a quantidade e com quem moram, se tem parceiro(a), informações sobre a utilização de métodos contraceptivos e de preservativos com parceiro(a) e com clientes, sobre frequência de consultas médicas, diagnóstico e tratamento de doenças sexualmente transmissíveis e de HIV, uso de drogas, cidade de residência, telefone para contato, data de início no NEP, data da ficha, nome de quem fez o cadastramento e espaço para alguma observação. Nesse primeiro contato é explicado a elas o que é o NEP, os dias e horários de funcionamento, bem como é pedida uma contribuição espontânea mensalmente para auxílio na manutenção do espaço.

Há ainda orientação para procura de atendimento médico nos serviços de saúde, especialmente no Hospital Presidente Vargas, de Porto Alegre, com o qual o NEP estabeleceu parceria. Além disso, a instituição tem representação política em conselhos, fóruns e comissões, como por exemplo, Fórum ONG/AIDS do Rio Grande do Sul, Comissão Municipal de DST/HIV/AIDS e Conselhos Estadual e Municipal de Direitos Humanos.

À época da pesquisa de campo, o NEP possuía uma equipe composta por seis prostitutas – Dete, Janete, Lúcia, Nilce, Rô e Soila –, algumas das quais ocupavam cargos institucionais; e por outros três voluntários: Tina, incentivadora e idealizadora da entidade; Leina, cientista social, pesquisadora e trabalhadora da área de direitos humanos e saúde; Marcelo, ex-dependente químico que encontrou no NEP a ideia do “fazer algo” por alguém ou por uma instituição. Além desses participantes mais permanentes, com frequência estudantes universitários trabalham voluntariamente no NEP no sentido de uma reciprocidade por obterem dados e campo para pesquisa através da ONG.

Ao longo da história do NEP, entre as conquistas apontadas pela organização destaca-se o reconhecimento pelo Ministério do Trabalho e Emprego, desde de 2002, da prostituição como ocupação legal, sendo ela incluída no Classificação Brasileira de Ocupações. Recentemente, uma das prostitutas engajadas no NEP participou de uma oficina para descrever o trabalho das profissionais do sexo, que

passou a constar na CBO. Salienta-se, também, que o trabalho da instituição é reconhecido tanto por esferas governamentais, como por esferas da sociedade civil organizada e pelas próprias profissionais do sexo de Porto Alegre.

### 3. As prostitutas engajadas no NEP

As mulheres prostitutas entrevistadas nessa pesquisa são oriundas de classes populares, nascidas e criadas no Rio Grande do Sul. Exercem suas atividades como prostitutas em Porto Alegre, sempre trabalhando, predominantemente, em locais públicos, a saber, nas Praças da Alfândega, Otávio Rocha e Dom Feliciano, nas Ruas Voluntários da Pátria e General Vitorino, em Porto Alegre. Uma delas chegou a trabalhar por um tempo na zona portuária da cidade de Santos, no estado de São Paulo. Contudo, outra afirmou que sempre trabalhou em bares: “[...] só bar e ia nos *inferninhos* ali, sempre aqui no centro, nunca na rua, nunca na esquina”. Segue um quadro descritivo sobre elas na época das entrevistas:

Quadro 1 – Descrição das entrevistadas

Nome <sup>4</sup>	Idade	Formação escolar	Ocupação principal	Ocupação secundária	Locais de exercício da prostituição	Ano de entrada no NEP
<b>Dete</b>	47	Ensino Fundamental incompleto	Prostituta	Aposentada por invalidez, diarista e cuidadora	Pç. da Alfândega e R. Voluntários da Pátria	1989
<b>Rô</b>	48	Ensino Fundamental incompleto	Diarista	Camelô e Prostituta	Bares e “ <i>inferninhos</i> ”	2005
<b>Nilce</b>	51	Ensino Médio completo	Prostituta	Aplicadora de questionários para projetos sociais	Pç. da Alfândega	1989
<b>Lucia</b>	46	Pós-graduação	Prostituta	Cientista social	Pç. da Alfândega e Pç. Dom Feliciano	1989
<b>Soila</b>	45	Ensino Médio completo	Prostituta	Massoterapeuta e manicure	Pç. da Alfândega, R. General Vitorino, R. Voluntários da Pátria e Zona portuária de Santos/SP	1989

<sup>4</sup> Nome por meio do qual são tratadas, não correspondendo, necessariamente, ao nome de registro.

Conforme podemos observar nesse quadro, a maioria das militantes tem como ocupação principal a prostituição, sendo apenas Rô exceção quanto a este dado. Ela trabalhava como prostituta e depois que chegou ao NEP ainda trabalhou nessa ocupação durante alguns anos. Quando entrevistada, não fazia mais programas, pois afirmava que não consegue ser prostituta quando tem um companheiro, como era o caso na época da entrevista. No entanto, vê a prostituição como uma atividade possível de ser exercida caso seja necessário, por isso a considera como uma ocupação secundária; assim como a de *camelô* em jogos de futebol e shows, ou apresentações artísticas, de grande popularidade, por meio da qual vende camisetas, faixas, bandeiras, entre outros artigos.

Dete declarou três ocupações secundárias: aposentada por invalidez, uma vez que é portadora do vírus HIV; diarista, pois faz faxinas em casas ou estabelecimentos comerciais sem vínculo empregatício; *cuidadora*, já que eventualmente é contratada para cuidar idosos ou pessoas com dificuldades motoras, bem como acompanhá-los ao médico se necessário.

Nilce salientou que, apesar de sua fonte principal de renda ser a prostituição, o envolvimento no NEP abriu portas para trabalhos em projetos sociais de entidades parceiras. Dessa forma, ao aplicar questionários e produzir relatórios de campo para pesquisas sociais, adquire conhecimentos a serem levados aos projetos do NEP.

Lúcia afirmou que apenas faz valer sua ocupação como cientista social quando da necessidade do NEP para elaboração de projetos. De fato, sua ocupação principal é a prostituição.

Soila, embora também tivesse na prostituição sua ocupação primária, comentou que a atividade estava tornando-se exaustiva. Com isso, a militante passou a frequentar cursos de massoterapia e de manicure, a fim de obter uma qualificação para poder, em algum momento, inverter a ordem das ocupações, isto é, colocar a prostituição como ocupação secundária.

Além destas cinco entrevistadas, faz parte da equipe de prostitutas militantes do NEP a Janete. Uma prostituta que durante anos foi muito engajada nas atividades do NEP, mas que atualmente aparece esporadicamente. Cabem aqui algumas considerações sobre ela.

Segundo as demais militantes durante conversas de cunho informal, Janete vai ao NEP quando está precisando de *grana*. Afirmam que ela sustenta o companheiro, um ex-morador de rua, usuário de drogas e de álcool, por isso

precisaria de dinheiro constantemente. Ela aparece na ONG durante uma ou duas semanas e ajuda como pode no atendimento ao público, especialmente conversando com as garotas que lá chegam. Por conta da diabetes está perdendo a visão, portanto, lê e escreve com muita dificuldade. Sempre acompanhada por alguém, faz visitas a algumas salas de prostituição para convidar as mulheres a participarem das oficinas oferecidas pelo NEP. Ela é, realmente, muito conhecida pelas profissionais do sexo da zone central da cidade. Foi candidata ao cargo de vereadora de Porto Alegre pelo Partido dos Trabalhadores em 2008. Trabalhou a maior parte da vida como atriz de teatro, inclusive produziu peças dirigidas ao público-alvo do NEP. Participou de projetos de escrita sobre a vida como prostituta e de diversas pesquisas acadêmicas. Foi a única das mulheres prostitutas engajadas no NEP que não quis conceder entrevista para esta pesquisa, pois só o faria mediante o pagamento de trinta reais, o que não ocorreu.

Ainda observando o quadro descritivo das prostitutas engajadas no NEP, concluímos que as entrevistadas entraram no NEP em 1989, ano de fundação da entidade. A única exceção é a militante Rô, a quem o NEP passou a fazer parte do cotidiano apenas em 2005.

A primeira vez que Rô ouviu falar do NEP, foi quando trabalhava na cozinha comunitária do bairro IAPI, enquanto portadora do vírus HIV. Essa cozinha trata-se de um espaço onde são oferecidas oficinas de culinária para grupos que se encontram em situação de *vulnerabilidade social*, como portadores do vírus HIV e usuários de drogas. Lá, os alimentos preparados são servidos à comunidade assistida e suas famílias. Através desse trabalho, Rô participou de um curso do SEBRAE, no qual Janete era monitora. Na ocasião, recebeu dela um convite para visitar a entidade, mas achou que seria perda de tempo. Sua trajetória na ONG, propriamente dita, iniciou a partir da ida ao NEP para retirada da conta mensal de preservativos e gel lubrificante com algumas amigas, em 2005. Nesta ida, assistiu a uma peça de teatro que Janete e Tina estavam encenando. Sentiu-se envolvida, interessou-se em conhecer o trabalho da instituição e começou a ir às palestras e a participar de oficinas, especialmente das relacionadas à redução de danos no uso de drogas.

Durante a entrevista, Rô explicou que foi o envolvimento diário, o qual trazia muito aprendizado a ela, que acarretou na sua permanência na ONG: *“não tinha outra saída, ou eu ficava na rua, do jeito que eu tava, ou eu ficava aqui”*. Quando

chegou ao NEP estava viciada em *crack*: “*precisei disso aqui, eu fugia pra cá, ficava aqui [...] pra não me misturar com aquele povo, que eu queria fugir*”.

Conforme apresentado anteriormente, Dete, Nilce, Lúcia e Soila trabalhavam como prostitutas em locais públicos de Porto Alegre. Além disso, elas eram dependentes da proteção e do envolvimento afetivo com *gigolôs* e ainda sofriam violência policial. Para elas, o NEP surgiu em suas vidas quando a Tina ofereceu-se para ajudar na resolução dos problemas concernentes à atividade de prostituta.

Tina visitava os pontos de prostituição com o intuito de fazer um trabalho de prevenção com as profissionais do sexo sobre a contaminação do vírus HIV, bem como de organizá-las em torno da luta contra a AIDS. No entanto, o que interessava às prostitutas, naquele momento, era que fosse resolvido o problema da violência que sofriam nas mãos da polícia. Conforme Dete, “nós queria era que resolvesse o problema da violência da Brigada”.

Segundo Lúcia salientou, as prostitutas estavam “numa situação precária de cidadania”, portanto, sentiu-se motivada com a possibilidade de acabar com a violência e optou por envolver-se. Conforme descreve Olivar (2010), em sua tese, certa noite Lúcia telefonou para Tina pedindo um advogado e que ela mostrasse sua boa vontade tirando as prostitutas do Palácio da Polícia, do Quartel da Brigada, pois muitas mulheres estavam sendo presas e torturadas. Assim, “Tina conseguiu mobilizar o Conselho Estadual de Direitos da Mulher, alguns Vereadores e Deputados e ‘os Direitos Humanos’” (OLIVAR, 2010, p.203), para uma reunião com os membros das polícias civil e militar, com a presença da imprensa. Nessa ocasião foi feita a denúncia dos abusos policiais, por meio da qual Nilce pode depor sobre as violências sofridas pelas prostitutas nas ruas da capital gaúcha.

A partir desse momento, a relação de confiança dessas mulheres com a Tina passou a ser fortalecida. As prostitutas começaram a se encontrar e a conversar, com o apoio de Tina, formando então o NEP. Para Soila, a grande motivação era juntar-se com suas colegas para acabar com a violência: “ela [a Tina] nos fez acreditar e realmente foi verdade, tanto é que, hoje em dia, pra nós não tem mais violência como era antes”.

Segundo Nilce, seu envolvimento se deu porque não queria mais sofrer humilhação e violência – física e psicológica. Entendia que, em algum momento, essa situação cessaria: “eu olhava pra cara deles e imaginava ‘um dia isso vai ter

um final', e realmente aconteceu". Para ela, também era uma luta pessoal, de aceitação própria.

#### **4. Análise das trajetórias de engajamento no NEP**

Para dar conta das questões impostas na problemática deste trabalho, fez-se necessária a análise das trajetórias de engajamento das prostitutas no NEP. Para tal análise, levamos em consideração algumas dimensões, a saber: a dimensão da militância, a qual abarca as trajetórias de militância das prostitutas com o NEP, as motivações para o engajamento na ONG e a participação nas atividades da instituição; a dimensão institucional, que contempla a história, o funcionamento e a estrutura do NEP, assim como as características das atividades da ONG; a dimensão pessoal do engajamento, por meio da qual refletimos sobre os objetivos ao realizarem as atividades no NEP, as mudanças de vida após o engajamento e a visão sobre a profissão de prostituta.

A seguir expomos essas trajetórias das prostitutas entrevistadas e, posteriormente, confrontamos os dados a fim de obter uma síntese não só a respeito do significado do engajamento para essas mulheres, mas também sobre como foi construída uma identidade a partir deste engajamento.

##### ***Dete***

No início de sua trajetória de militância no NEP, Dete não dava muita importância para o assunto da prevenção de DST e do HIV e AIDS, pois sua atenção era totalmente voltada a resolver o problema da violência da Brigada Militar com as prostitutas. Da fundação da ONG até 1993, ela se intitula como uma frequentadora e apoiadora. A partir do referido ano, ela diz que passou a atuar diariamente como multiplicadora de informações e de experiências, propriamente no que diz respeito às DST, HIV e AIDS.

Assim, temos que a sua motivação para participar do NEP deu-se em dois sentidos, ocorridos em momentos diferentes: primeiro, por uma expectativa de proteção e de garantia de direitos no que se referia à resolução do problema da violência com a Brigada Militar; segundo, pela descoberta de que era soropositivo do vírus HIV. Desde então, ela buscou ajuda dentro do NEP, foi aceitando a sua sorologia e motivou-se a permanecer no NEP para ajudar outras mulheres que chegassem lá na mesma situação que ela. Dete explicou que quando chegou ao

NEP seu objetivo era conseguir ajuda, mas que agora é poder auxiliar as pessoas que chegam desesperadamente na entidade.

Quanto à dimensão pessoal do seu engajamento, Dete considera que aprendeu que não precisa de um *gigolô* para exercer a atividade de prostituta: *“fui aprendendo que eu não precisava ser aquela prostituta que depois de se prostituir chegava em casa e dava o dinheiro pro gigolô”*. Segundo ela, aprendeu até como deveria lidar com um cliente: *“o cliente fazia de tudo contigo, tu apanhava e não sabia o que falar. Hoje não. Eu sei como me sentar, conversar, tratar o preço do programa. Tudo isso eu aprendi [...] Sei dos meus direitos e dos meus deveres”*. Enfim, destacou que a principal mudança que ocorreu depois do seu engajamento no NEP foi a sua valorização enquanto cidadã, mãe, mulher e profissional.

No que se refere à dimensão institucional, entende que as atividades que o NEP realiza estão substituindo os serviços que deveriam ser feitos pelo Estado e, dessa forma, acha necessário que as pessoas engajadas na organização recebam uma ajuda de custo para executar o trabalho, pelo menos um valor suficiente para cobrir os gastos com passagem de transporte público.

## **Rô**

Durante uma capacitação para o trabalho com redução de danos, Rô chamou a atenção da Nilce como alguém que poderia participar de um trabalho do NEP na Zona Sul da capital. Nilce a convidou e ela aceitou; assim iniciou-se sua trajetória de engajamento militante no NEP. Comprova-se com este caso o que Sawicki e Siméant (2011) afirmam sobre a necessidade de pessoas próximas para nortear a pessoa a determinado grupo mobilizado. Desde então, Rô vai todos os dias ao NEP: *“venho todos os dias, a não ser quando tenho alguma coisa pra fazer, aí eu não venho [...] esses anos todos fiquei aqui de voluntária mesmo, sempre foi por minha conta, é a primeira vez que eu estou ganhando alguma coisa”*.

Depois que conheceu o NEP optou por participar de tudo o que a entidade oferecia, para não ficar na rua, próxima do *crack* e acabou se envolvendo: ajudava nas oficinas de cachimbo para redução de danos no consumo de *crack*, assistia a todas as palestras que a Tina e Lúcia ministravam, ou simplesmente ficava conversando com quem estivesse na sede da ONG. Rô salientou que com a ajuda do NEP deixou de ser usuária de *crack* e isso mudou tudo na vida dela. Modificou a

relação com a família, passou a ter uma preocupação em construir um local para moradia, em ter os seus bens materiais: *“eu pensei em progredir, sabe? [...] quando cheguei no NEP só tinha uma roupa e uma rasteirinha”*.

Depois de perder o vício pelo *crack*, Rô passou a ter um objetivo bastante específico ao participar da entidade, que seria o de ajudar quem chega à ONG com algum problema, por meio de conversas, aconselhamentos, atenção: *“a gente consegue ajudar e depois a gente sabe que ajudou em alguma coisa”*.

### **Nilce**

Segundo Nilce, *“nossa! Hoje em dia, falar no NEP é respeito”*. Do seu ponto de vista, o movimento de prostitutas teve grande importância para frear a ação violenta da Brigada Militar, no sentido da conquista de respeito e do cumprimento dos direitos das prostitutas de exercerem sua atividade.

*E quem conquistou isso? Nós, prostitutas, as que iniciaram tudo isso, que tiveram coragem de falar, de ir pra imprensa, de ir pra debate, ir pra política, em todos os campos, enfim, falar sobre isso [...] eles queriam que a gente assinasse termo de vadiagem, e a gente já era consciente de que não era vadiagem, que era dali que a gente ganhava o dinheiro.*

Em termos de motivação para participar do NEP, o fato de existir um grupo de pessoas dispostas a tomar uma atitude contra a violência e o resultado positivo dessa mobilização foi o que a conservou engajada na ONG. Acredita que esse resultado positivo alcançado a respeito do problema da violência, incentivou a dar continuidade na mobilização por outras causas, outras questões, como a da epidemia do vírus HIV, a da cidadania e a da autoestima das mulheres. Pessoalmente, embora Nilce sempre tenha considerado a prostituição como uma profissão, entrou no movimento de prostitutas por luta e aceitação próprias.

Constatou que muitos subsídios para trabalhar nos projetos foram arrecadados por meio de sua longa participação como representante do NEP em diversas comissões, comitês e conselhos. Afirma que essas participações fortaleceram seu conhecimento em direitos humanos e na área da saúde e que, então, está *“bem empoderada de muita coisa”*.

Nilce elucida que seu objetivo no NEP é dar sequência na luta pela causa das profissionais do sexo no direito, na cidadania e na prevenção de doenças, pois sabe que dá resultados, mesmo que em longo prazo. Além disso, acha *“importantíssimo”*

divulgar o NEP e a prostituição, em espaços como as universidades, a fim de eliminar o preconceito que ainda existe em relação às pessoas que praticam essa atividade. Destacou que o seu envolvimento na ONG a fortaleceu para encarar a luta pela causa das prostitutas. A participação no NEP alterou a maneira de enfrentar os problemas que envolviam a atividade. Ela busca discutir com as mulheres que chegam ao NEP e que iniciaram há pouco tempo na prostituição o fato de que elas não devem se sentir como criminosas: *“tá se sentindo como se fosse uma marginal, mas não, ela é apenas uma trabalhadora do sexo”*.

Nilce crê que permanecem até hoje no movimento de prostitutas aquelas mulheres que, desde o início, se aceitaram como profissionais do sexo e que sempre entenderam o exercício da prostituição como nada além da maneira escolhida para se sustentarem. Do contrário, as que não venceram o estigma, não suportariam participar das atividades do NEP, ir para a imprensa, falar em debates, enfim, se expor ao público como uma prostituta.

### **Lúcia**

Por ser umas das prostitutas mais envolvidas na formação do NEP, Lúcia foi escolhida como a primeira presidente da, então, AGP. No entanto, por falta de estrutura psicológica e de apoio familiar, não conseguiu manter-se no cargo. Além disso, afirmou que não acreditava *“nessas coisas de movimento”* e que estava mesmo preocupada em resolver o problema da violência. Assim, Tina foi quem assumiu a coordenação da ONG, mas Lúcia continuou cumprindo seu papel de liderança, pois ia para zona de prostituição com ela, fazia viagens para representar o NEP, ajudava Tina a encabeçar as questões de movimento, estava disposta e acreditava que poderia acabar com o problema da violência, ainda sem saber o que era um movimento organizado.

Durante quatro ou cinco anos, Lúcia afastou-se do NEP para estudar. Formou-se cientista social pela Unisinos e, em 2001, decidiu voltar ao NEP e colocar em prática o conhecimento acadêmico adquirido na universidade, uma vez que não queria trabalhar enquanto socióloga: *“estudei para aprender mais e me dedicar ao movimento”*. Dessa forma, comunicou-se com Tina que apoiou o seu retorno à entidade. No entanto, Lúcia solicitou que pudesse receber uma contribuição financeira em troca dos serviços prestados à ONG, ao que Tina respondeu

positivamente, desde que ela elaborasse projetos para enviar a editais e, assim, entraria dinheiro no caixa da entidade para pagá-la.

De 2001 até o momento da entrevista, Lúcia escreveu 32 projetos para editais de liberação de recursos públicos e todos foram aprovados. Já atuou como tesoureira e como secretária executiva, mas não pretende mais ocupar cargo dessa natureza. Lúcia crê que ao desenvolver os projetos, envolveu-se demais com a ONG, tanto que, em 2010, resolveu afastar-se novamente e ainda se arrepende de ter retornado. Justifica que voltou somente em função de um projeto que estava em andamento. Não fosse isso, não estaria mais trabalhando no NEP.

*Nunca mais quero meu nome envolvido em coordenação de ONG, me arrependi de ter entrado, porque eu acho que não é esse o lance, eu não to aí pra disputar cargo, to aí pra fazer o meu trabalho [...] não quero ser nada. Me envolvi demais, acho que exagerei um pouco, esqueci de mim, comecei a achar que o NEP era eu e que eu era o NEP. Meu sonho é largar, quero ser igual às outras prostitutas, só quero ser acessada pelo NEP, não quero ser o NEP mais [...] quero continuar representando a Rede, isso sim [...] não é uma coisa que tu tem escritório pra trabalhar, então tu só representa ela pela internet.*

Apesar disso, Lúcia destacou que nunca deixaria de ser vinculada ao NEP, que continuará sendo “*prostituta do NEP*”, mas que não deseja mais trabalhar em escritório. Disse que cansou do compromisso diário e que tem a impressão de que cuida de tudo e que nenhuma outra prostituta engajada no NEP tem interesse em assumir as tarefas da entidade.

No que se refere aos seus objetivos em participar do NEP, Lúcia foi bastante precisa: “*sempre tive um objetivo só que era fortalecer a cidadania das prostitutas*”. Salientou que este ainda é seu grande objetivo: no momento em que escreve um projeto ou quando faz uma ação, pensa em melhorar a qualidade de vida e os direitos humanos das prostitutas.

### **Soila**

Nos dois primeiros anos da ONG, Soila participou de todos os encontros, mas precisou se afastar por motivos particulares não expostos durante a entrevista, nem comentados no decorrer do período de observação participante. Retornou às atividades do NEP em 2005, participando, novamente, de todos os projetos.

Contudo, destacou um período de difícil execução de atividades no NEP, durante o governo Yeda. Entre os anos de 2007 e 2010, o governo do Estado não

publicou editais para que entidades não governamentais enviassem projetos sociais. Sendo assim, o NEP não obteve recursos para dar sequência as suas atividades.

*No máximo a gente fazia uma oficina, porque a gente realmente ficou sem material, foi uma época bem difícil [...], a gente ficou só fazendo trabalho voluntário mesmo, não deixamos a sede fechar. [...] A gente se revezou, nós, as prostitutas que trabalham a frente do NEP. Uma vinha num dia, outra no outro, e assim nenhuma de nós deixou de trabalhar na rua, batalhar, fazer programa e não deixou a sede fechar.*

Nesse momento relatado por Soila, a cota de preservativos distribuídos às profissionais do sexo teve de diminuir e o material informativo, como cartilhas e panfletos, teve de ser economizado. O trabalho do NEP se resumiu a prestação de informações para quem chegasse à sede da entidade, geralmente encaminhada por uma prostituta das mais antigas, bem como fazer o encaminhando das mulheres ao Hospital Presidente Vargas, quando necessário. Com a falta de dinheiro para promover oficinas e para fazer intervenções em *drinks*, muitas prostitutas nunca ouviram falar sobre a instituição ou desinteressaram-se com o suposto sumiço das prostitutas engajadas na ONG. Dessa forma, a retomada das atividades, mesmo que agora com verba governamental, tem sido bastante árdua.

*Eu sinto que, assim, a gente subiu dez degraus e desceu seis andares, sabe? Que a gente conseguiu voltar a fazer esse ano e já termina agora em janeiro, que eles [os projetos] tem prazo de um ano. Tem que entrar um novo projeto pra conseguir verba pro trabalho do NEP, mas não tem nada em vista pro ano que vem. [...] Então realmente a gente não sabe como vai ser ano que vem, [...] como a gente vai trabalhar Gravataí, Canoas, sem dinheiro pra passagem?*

Soila afirmou que o trabalho do NEP também foi muito importante no sentido de modificar a maneira de trabalhar das prostitutas. Segundo ela, Tina dava orientações de como uma profissional do sexo poderia se portar, como responder a uma abordagem valorizando seu trabalho. Além disso, Soila acredita que o NEP é reconhecido, nacionalmente, como uma ONG que se preocupa com a autoestima, a cidadania, os direitos e os deveres das prostitutas.

Apontou que seus objetivos ao realizar as atividades do NEP são aprender cada vez mais, assim como, repassar esse aprendizado para as mulheres que recém aderiram ao exercício da prostituição, dar alguma orientação e bastante informação. Apresentou também, as mudanças que ocorreram na sua vida, depois do seu envolvimento no NEP, tais como a perda de preconceito com a própria profissão, o fato de deixar de ser reprimida, de ter sua liberdade, de não depender

de “cafetão”, pois “*eu não tinha vida própria, nem opinião própria, [...] eu era uma prostituta comandada por um cafetão, [...] agora eu sou eu, mudou tudo*”.

Para Soila, a visão sobre a atividade de prostituir-se também mudou com o passar dos anos e com a participação no NEP. Antes, ela não via a prostituição como profissão: “*enxergava como uma coisa que eu fui aprendendo a fazer, desde os 17 anos, e era o que eu sabia fazer, não tinha como uma profissão. Hoje não, eu consigo distinguir bem que é uma profissão, [...] hoje eu sou prostituta profissional*”.

A partir destes apontamentos podemos considerar que, apesar das particularidades de cada mulher engajada no NEP, há algumas regularidades nos seus discursos. Tais regularidades aparecem especialmente no que se refere às dimensões pessoal e de militância.

Para prostitutas que participaram da fundação do NEP, mesmo que compartilhando uma identidade de posição social, a criação da organização não seria possível sem o estabelecimento de alianças. A militância é entendida como o produto das interações, que se desenvolvem num espaço social “concretizado em instituições, modos de fazer, modos de pensar que [...], por sua vez, configuram [...] a ação política coletivamente articulada” (MORENO e ALEMEIDA, 2009, p. 132).

Além disso, percebemos que há uma centralidade no que diz respeito à multidimensionalidade do engajamento militante, ou seja, que ao mesmo tempo em que o engajamento abarca questões pragmáticas, inclui também questões de identidade. Isso quer dizer que o engajamento militante significa para essas prostitutas a busca por retribuições não só de cunho simbólico – dignidade, reconhecimento e *desestigmatização* –, mas também de cunho material, com o ganho de recursos financeiros.

Do ponto de vista das mudanças de vida das entrevistadas, verificamos que a valorização e o fortalecimento da cidadania constam, de uma forma ou de outra, no discurso de todas elas. Cidadania aqui é entendida conforme o conceito de como o reconhecimento do pertencimento à sociedade, que envolve a garantia de direitos a serem gozados a partir dessa condição cidadã.

## Considerações finais

O presente trabalho procurou trazer subsídios para os questionamentos sobre o significado do engajamento militante de prostitutas à ONG NEP. Ao buscarmos os motivos das prostitutas envolverem-se na entidade, nos deparamos tanto com os aspectos materiais como com aspectos simbólicos desse engajamento. Nesse sentido, consideramos que as prostitutas engajaram-se no NEP pela busca por retribuições.

As contribuições teóricas revisadas durante a pesquisa indicam que não é somente a necessidade que motiva as pessoas à participação, mas também razões de ordem moral, como o reconhecimento, a visibilidade social e a dignidade (QUIRÓS, 2008; 2009). Avalia-se, portanto, que a base das interações e das motivações das pessoas engajadas está naquilo, material ou simbólico, que se busca e que se obtém: recursos de subsistência, pertencimento, reconhecimento e afirmação identitária.

Assim, podemos inferir que no caso analisado, inicialmente as mulheres prostitutas procuram engajar-se no NEP por motivos pragmáticos: necessitam da mobilização e do estabelecimento de alianças políticas para darem cabo à violência sofrida por meio de abusos e agressões policiais. Posteriormente, baseadas nos resultados positivos do engajamento, essas mulheres decidem dar continuidade na militância a favor da causa das prostitutas: incorporam outras motivações, como a luta pela prevenção de DST, HIV e AIDS, pela promoção da autoestima da mulher prostituta, bem como por uma reintegração social, compartilhando a identidade de militante.

Ao percebermos o engajamento como um processo de cidadanização, remetemos à teoria crítica do reconhecimento de Nancy Fraser para concluirmos que o engajamento no mundo da prostituição pode ser caracterizado como a busca por justiça social. A injustiça existente é de ordem cultural, uma injustiça de reconhecimento e para remedia-la seria fundamental uma reestruturação da ordem simbólica, “envolvendo uma reavaliação das identidades desrespeitadas e o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural” (RABELO, 2011, p. 48). Com isso, estaríamos próximo do que Fraser classifica como uma concepção holista de reconhecimento, por meio da qual a autora reporta-se ao projeto de uma

sociedade na qual os indivíduos ocupam posições igualitárias, com igualdade de *status* e fundamentada na cidadania.

O reconhecimento adquirido, como forma de retribuição do engajamento pode estabelecer uma nova identidade. Sendo assim, entendemos que, a partir da militância no NEP, as prostitutas passaram a carregar uma nova identidade. Elas são reconhecidas como militantes, como participantes efetivas da organização de prostitutas. Essa nova identidade é endossada para si mesmo e para os outros, e pode ser custoso e doloroso abandonar.

Além disso, cabe-nos destacar que os sentidos que as prostitutas atribuem ao NEP vão sendo modificados durante o engajamento. De alguma forma, o que no início tinha um caráter altruísta, passa a ter, especialmente após o estabelecimento de repasses de verbas governamentais, um caráter de interesse material. A permanência das prostitutas no NEP depende desses repasses não só porque deles também depende as atividades da ONG e a execução de projetos, mas também porque elas contam com esses recursos como um auxílio financeiro referente à sua participação.

Para além das questões levantadas até então, acreditamos que uma possível continuidade para a pesquisa seja possível no que se refere à temática do recrutamento (ou do não recrutamento) de novos membros no caso do NEP. Caberia, em certo ponto, analisar o campo organizacional, para compreender a capacidade da organização para atrair e fidelizar aqueles tais novos membros. Percebemos que um dos limites impostos à militância nessa organização é a ausência de novos membros, que compartilhem a posição social e que se identifiquem com a cultura sustentada pelas mulheres já engajadas.

Embora reconheçamos as necessidades de aprofundamento da presente investigação, pensamos que um caminho de pesquisa a ser seguido futuramente pode estar relacionado com o que Sawicki e Siméant (2011) classificam como pesquisa sociológica que relaciona aspectos micro e macrológicos, isto é, que leva em consideração os indivíduos e suas interações mútuas, bem como transformações socioeconômicas, culturais, políticas. Ao considerarem que lógicas microsociais de perduração do engajamento não podem ser desatreladas das grandes transformações, sugerem que a análise do vínculo entre as transformações socioeconômicas e culturais, as disposições e as disponibilidades à militância, seja

feita, por exemplo, distinguindo engajados e não engajados e apreciando as características respectivas das duas categorias.

## Referências

COTANDA, Fernando Coutinho; SILVA, Marcelo Kunrath; ALMEIDA, Marilis Lemos de; ALVES, Caleb Faria. Processos de pesquisa nas Ciências Sociais: uma introdução. In: PINTO, Céli Regina Jerdim; GUAZZELLI, Cesar A. Barcellos. (org.) **Ciências humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008

FRAGA, Rogério. Dominação e ética em Max Weber. In: TESKE, Ottmar (org.). **Sociologia: textos e contextos**. Canoas: Editora da Ulbra, 2000.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

GOLDWASSER, Maria Júlia. **Cria fama e deita-te na cama: um estudo de estigmatização numa instituição total**. In: VELHO, Gilberto. Desvio e Divergência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

MELLO, Andreia Skackauskas Vaz de. **Burocratização e institucionalização das organizações de movimentos sociais: o caso da organização de prostitutas Davida**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Dimensão intersubjetiva da auto-realização: em defesa da teoria do reconhecimento. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.24, nº.70, São Paulo, 2009.

MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da Vila: Prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MORENO, Rosangela Carrilo e ALMEIDA, Ana Maria F.. "Isso é política, meu!" socialização militante e institucionalização dos movimentos sociais. **Pro-Posições**, 2009, vol.20, n.2, pp. 59-76. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072009000200005>. Acesso em: 03 de maio de 2011.

\_\_\_\_\_. O engajamento político dos jovens no movimento *hip-hop*. **Rev. Bras. Educ.** 2009, vol.14, n.40, pp. 130-142. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a11.pdf>. Acesso em: 17 de junho de 2011.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Guerras, trânsitos e apropriações: políticas de prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre**. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.25, Dec. 2005.

QUINTANEIRO, Tânia e outros. **Um toque de clássicos**. Marx. Durkheim. Weber. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

QUIRÓS, Julieta. Piqueteros y peronistas en la lucha Del Gran Buenos Aires. Por una visión no instrumental de la política popular. **Cuadernos de Antropología Social**, 2008, nº27. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/pdf/cas/n27/n27a06.pdf>. Acesso em: 17 de junho de 2011.

\_\_\_\_\_. Política e economia na ação coletiva: uma crítica etnográfica às premissas dicotômicas. **Mana**, vol.15, nº1, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132009000100005>. Acesso em: 17 de junho de 2011.

RABELO, Maria Mercedes. A teoria do reconhecimento de Nancy Fraser, In: RABELO, Maria Mercedes. **Redistribuição e reconhecimento no Programa Bolsa Família: a voz das beneficiárias**. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

SANTOS, Everton Rodrigo. Max Weber e as categorias básicas da sociologia compreensiva: ação e relação social. In: TESKE, Ottmar (org.). **Sociologia: textos e contextos**. Canoas: Editora da Ulbra, 2000.

SAWICKI, Frédéric e SIMÉAN, Johanna. Inventário da sociologia do engajamento militante: nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. **Sociologias**, vol.13, nº.28, Porto Alegre, 2011.

SOUZA, Jessé. Uma teoria critica do reconhecimento. In: **Lua Nova**, n.50, São Paulo, 2000.

TEDESCO, Leticia da Luz. Atores sociais na batalha: estigma e cidadania entre prostitutas, através de uma ONG em Porto Alegre. Florianópolis, **VIII Seminário Fazendo Gênero**, 2008. Disponível em: [http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST26/Leticia\\_da\\_Luz\\_Tedesco\\_26.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST26/Leticia_da_Luz_Tedesco_26.pdf). Acesso em: 30 de junho de 2011.

## Apêndice – Roteiro de Entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Aluna: Carolina Dorneles dos Passos  
Trabalho de Conclusão de Curso  
Professor orientador: Marcelo Kunrath Silva

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS PROSTITUTAS MILITANTES DO NEP – Núcleo de Estudos da  
Prostituição – DE PORTO ALEGRE

Entrevista nº \_\_\_\_ Entrevistada: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Data: \_\_/\_\_/\_\_

1. Narre sua trajetória de militância com o NEP. Como começou? Há quanto tempo? Qual o seu envolvimento no NEP? Que atividades você realiza?
2. O que levou você a participar desse grupo?
3. Qual (is) seu(s) objetivo (s) ao realizar as atividades no NEP? Houve alguma alteração dos seus objetivos durante o tempo de engajamento?
4. O que mudou na sua vida depois do envolvimento com o NEP?
5. E em relação a sua visão sobre a profissão de prostituta, houve alguma mudança ao longo do tempo de engajamento no NEP? Como era antes, como ficou depois?
6. Participa ou participou de algum outro grupo, movimento, associação, etc.? Qual?

## Anexo – Materiais elaborados pelo NEP

### 1. Folheto institucional:

# NEP

## NÚCLEO DE ESTUDOS DA PROSTITUIÇÃO

O NEP é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que atua junto às mulheres prostitutas, no exercício da cidadania e na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e Aids. Fundado em 1989, desenvolve as seguintes atividades:

- **Reuniões com mulheres prostitutas, discutindo temas ligados ao estigma, discriminação e a violência contra a mulher prostituta;**
- **Oficinas temáticas sobre: saúde integral da mulher, prevenção às DST/HIV/Aids, e direitos humanos e cidadania;**
- **Programas de treinamento para formação de multiplicadoras de informações;**
- **Trabalhando políticas públicas e parcerias com o SUS;**
- **Representação nos conselhos e comissões de saúde e direitos humanos;**
- **Membro da Rede Brasileira de prostitutas;**
- **Programas de capacitação para outras instituições e grupos;**
- **Serviço de aconselhamento jurídico e psicológico;**
- **Programa de intervenções face a face em territórios de prostituição públicos e privados;**
- **Plantão permanente de atendimento e repasse de preservativos.**

Seu trabalho foi reconhecido em 1999 com o prêmio “Direitos Humanos no Rio Grande do Sul”, concedido pela UNESCO, Conselho Britânico, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho e Assembleia Legislativa/RS - NEP - Grupo participante da Fraternidade de MUR - Missão Urbana e Rural - MUR BRASIL



**Galeria Malcon - Rua dos Andradas, 1560, 6º andar**  
**Centro - Porto Alegre - RS - CEP 90020-010**  
**Fones: (51) 3224.1560 / 3227.7645 / 9913.4046**  
**e-mail: neppoa@portoweb.com.br**

2. Revista institucional:





**Núcleo de Estudos da  
PROSTITUIÇÃO**

**Não estamos  
sozinhas**

**Estamos organizadas**

Conheça a associação de  
prostitutas de Porto Alegre



# nep

## Quem somos?

**S**omos uma Associação de Prostitutas que usamos a sigla NEP - Núcleo de estudos da Prostituição, atuamos em Porto Alegre desde 1989 junto a mulheres profissionais do sexo. Contamos com o trabalho voluntário, e parcerias com organizações religiosas, governamentais e Privadas.

### ● NOSSA MISSÃO

Promover os direitos humanos, a auto-estima e a prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis, HIV/aids para o pleno exercício da cidadania. Incentivar a auto-organização das mulheres profissionais do sexo para lutar contra a violência e a discriminação, contribuindo para a conquista de seus direitos, fortalecendo sua autonomia enquanto cidadãs.

### ● NOSSA VISÃO

O NEP vem apostando nas próprias mulheres para serem sujeitas de sua situação social, profissional, familiar e de gênero, buscando diminuir a discriminação, a desigualdade, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida a partir de uma visão de direitos humanos, políticos e sociais.

### ● OBJETIVO ESTRATÉGICO

Nosso principal objetivo é trabalhar a auto-estima, a cidadania e a prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis, HIV e aids, bem como promover ações para o desenvolvimento de políticas públicas junto às organizações Governamentais para promoção de saúde integral, incentivando a participação de mulheres profissionais do sexo nas atividades da instituição.

*Prevenção e respeito  
são as metas de  
nosso trabalho*



▲ **EQUIPE DE NEP:** Glenio, Tina, Lucia, Josi, Nilce, Elsa, Iraci, Janete e Deté



▲ **RECONHECIMENTO:**  
O NEP recebeu o prêmio Direitos Humanos no RS, em 1999, homologado pela Unesco

# Uma história de lutas

**N**EP, Núcleo de estudos da Prostituição é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que atua desde 1989 junto as mulheres profissionais do sexo na cidade de Porto Alegre. A instituição nasceu dentro da perspectiva de articular e organizar as prostitutas em busca de sua cidadania que passa pela construção da auto estima para saúde plena.

Na origem de nossa organização está a idéia básica de MUR, Missão Urbana e Rural, programa do Conselho Mundial de Igrejas que identifica áreas sociais de extremas carências, tanto materiais como políticas e sociais, para ali buscar a organização das pessoas envolvidas, no caso as prostitutas, para uma reintegração social, em todas as suas dimensões. Junto a isto, nesse momento, existe a grande necessidade de se organizar o movimento para o enfrentamento da epidemia da aids.

Foi buscando parcerias junto aos Conselhos Estaduais e Municipais dos direitos da mulher, Comissão de Direitos humanos e outros que o NEP iniciou sua trajetória, orientando as profissionais do sexo a não se calar quando seus direitos eram violados, e assim, colocar em prática a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 1948, a qual garante a todos o direito a vida, à liberdade, à segurança, etc. Todas recebiam orientações para denunciar qualquer tipo de violência sofrida, procurando amparo nesta lei.

Historicamente, o NEP foi a primeira instituição no Estado do Rio Grande do Sul a trabalhar a prevenção das DST/HIV/aids e a saúde da mulher profissional do sexo. A estruturação deste trabalho se deu a partir de confiança e respeito, contando com apoios, parcerias e convênios junto as Coordenações Nacional, Estadual e Municipal de DST/HIV/aids e obteve reconhecimento de outras instituições, nacionais e internacionais.

A idéia do trabalho com profissionais do sexo em Porto Alegre nasceu durante um encontro realizado no Rio de Janeiro onde existia uma instituição que trabalhava direitos civis saúde e cidadania com profissionais do sexo, fundada por Gabriela Silva Leite em 1987.

Inicialmente foi criada uma associação com o nome de AGP- Associação Gaúcha de Prostitutas, que ao ser encaminhada para registro em 1990, não foi aceita devido a prostituição ainda não ser reconhecida como uma atividade. Hoje a mesma já está na CBO - Classificação Brasileira de Ocupação como uma atividade reconhecida pelo Ministério do Trabalho e da Previdência Social.

A designação NEP nasceu então da necessidade de se ter uma sigla que pudesse ser reconhecida juridicamente, já que tínhamos que registrar a entidade para iniciar um processo de reconhecimento social e de busca de parcerias, o que ocorreu, de forma sólida, no decorrer de todos estes anos.

A partir de 1999, foi possível ampliar as ações de prevenção as DST/aids e de cidadania com a aprovação de projetos que passaram a ser desenvolvidos pela instituição através de recursos do Ministério da

Saúde/Unesco e UNDCP bem como com o apoio das secretarias de saúde do estado e município.

As maiores provas da efetividade e importância da realização desse trabalho se confirma não só no que tange aos atendimentos realizados que chegam em média a 150 mulheres por semana que retiram seus preservativos e participam das atividades da instituição, mas também em relação ao número de consultas marcadas e realizadas nos serviços de saúde, encaminhamentos de denúncias de violência em geral que hoje tem seus índices diminuídos, tanto por parte das forças da segurança pública como também entre as próprias profissionais do sexo e seus clientes.

Entre as atividades desenvolvidas, o NEP realiza reuniões semanais com profissionais do sexo, também são realizadas intervenções corpo a corpo pela equipe de monitoras em pontos de prostituição pública (praças, ruas, parques) e privada (boates, salas, bares, drinks) visando fortalecer o vínculo entre as profissionais do sexo e a instituição.

Entre as conquistas desse trabalho, se destaca o direito a ter reconhecida legalmente a profissão, esta discussão tem sido defendida pelo movimento organizado de prostitutas no Brasil, que tem representação da Rede Brasileira de profissionais do sexo na qual o NEP representa a região sul. Em todo o Brasil existe uma média de 35 associações de profissionais do sexo que estão hoje debatendo o reconhecimento legal da prostituição através de Projeto de Lei que reconhece a existência da profissão e a retira da criminalidade exigindo da sociedade respeito com a atividade como uma profissão autônoma.

O NEP tem ampliado suas parcerias recebendo na instituição representantes de outros países com interesse de realizar trocas de experiências do trabalho de prevenção junto a profissionais do sexo. Em 2002, recebeu a visita de representantes da Noruega através da Fundação Luterana de Diaconia que atualmente está apoiando um projeto de ações de prevenção no sul do Brasil. Em 2003, a instituição foi Anfitriã do intercâmbio para troca de experiências com 06 países da América Central.

A importância do trabalho do NEP, cada vez mais vem sendo reconhecida em todas as esferas tanto governamentais quanto da sociedade civil organizada.

Ainda temos muitos desafios a enfrentar, porque no quadro geral da população feminina estão inseridas as profissionais do sexo, que além das vulnerabilidades compartilhadas com a maioria das mulheres, acrescentam-se as da própria profissão que só podem ser minimizadas com a adoção de medidas preventivas, como o uso do preservativo, a luta contra o preconceito social, a exclusão e a violência.



**Tina Taborda Rovira**  
Presidente do NEP



# histórias de vida

## Cidadania fortalecida

**L**ongos anos de militância foram necessários para que houvesse mudanças em minha vida. Hoje, posso passar para minhas colegas da profissão mais antiga do mundo - a "prostituição" - minhas experiências e informações sobre saúde, prevenção, auto-estima e cidadania, adquiridas durante essa caminhada.

Tudo teve início em 1989, quando passei a integrar o NEP, que se transformou num movimento de luta contra o preconceito, a violência e a falta de informação na área da saúde, principalmente das DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis). Nesta época, era comum ter vergonha de falar sobre sexualidade, mas com a participação no NEP, a maioria das mulheres, perdeu esse pré-conceito.

É com a força que construímos dentro da entidade que me vejo como agente junto a esta classe considerada vulnerável. Vejo-me, hoje, como um escudo capaz de defender a mim e a minhas colegas do pré-conceito, da violência, das DST/HIV/aids e do estigma enraizado em nossa sociedade. Também, posso observar que cada profissional do sexo já possui seu próprio escudo de defesa. Isto, na verdade, é o resultado de muito trabalho de nossa instituição, que acredita na mudança.

A auto-estima sempre foi um ponto estratégico deste traba-

lho, podemos dizer que, 80% das mulheres já se aceitam e se cuidam, os 20% que restam ainda será alcançado, é só uma questão de tempo.

Durante estes 14 anos foram muitos os desafios que enfrentamos, mas tivemos muitas conquistas: a diminuição do número de casos de HIV/aids e outras DST; um menor número de ocorrências de violência física por parte da polícia, entre outras...

Atualmente, tanto minha atuação como voluntária, monitora ou assistente de projeto da instituição me dá oportunidade de acompanhar as colegas também nos momentos difíceis como internação hospitalar e em alguns casos no óbito.

Todo este movimento de militância é realizado por mim em busca de um objetivo maior, o fortalecimento de nossa cidadania como mulheres profissionais do sexo.



**Janete Oliveira da Silva**  
Profissional do Sexo há 25 anos

## Coragem, força e resistência

**H**oje, ao passar pelas ruas e praças do centro de Porto Alegre onde são pontos de prostituição, sinto-me bem mais aliviada ao perceber que as mulheres estão ali, no seu território trabalhando, ganhando seu dinheiro, através dos programas que fazem com seus clientes, sem o medo que nos perseguiu durante tantos anos.

Assim como estas mulheres, antes da existência do NEP eu também estava nestes locais sofrendo todo o tipo de violência: a física, a discriminação e o preconceito que circulavam de uma forma mais forte nestes locais.

Durante muitos anos sofremos violências variadas por parte da Brigada Militar e polícia civil, desde agressões físicas ao recolhimento para delegacias como se fôssemos "marginais".

Por parte da sociedade e das pessoas em geral tínhamos que agüentar quietas todo tipo de preconceito de discriminação, pois nos tratavam como "seres do outro mundo", nos olhando com ironia e desprezo.

Mesmo sabendo da existência do NEP desde 1989, em 1992 me tornei militante deste movimento e me uni a minhas colegas para lutar contra todas estas situações de

violência, buscando nossos direitos e cidadania.

Foram muitos anos de luta, que estão valendo a pena até hoje, pois tivemos durante estes o apoio de Tina que continua conosco até hoje, como coordenadora da instituição.

Coragem, força, resistência, foi o que não nos faltou para que nesses 14 anos a instituição tenha conseguido conquistar muitas vitórias em todas áreas que envolvem a prostituição: prevenção as DST/HIV/aids, sexo seguro através do uso do preservativo com parceiros comerciais e fixo, direitos humanos e cidadania, acompanhamento psicológico, redução de danos no uso de drogas, adesão ao medicamento entre mulheres soropositivo, consultas ao ginecologista entre outros.

Atualmente, em média, 500 mulheres ao mês frequentam a instituição e participam de todas as atividades bem como tiram sua cota de preservativo masculinos e femininos, gel lubrificante, permanecendo vinculadas ao NEP e participando do crescimento e fortalecimento do trabalho dando visibilidade a nossa atividade na prostituição.

**Nilce da Silva Machado**  
Prostituta há 18 anos

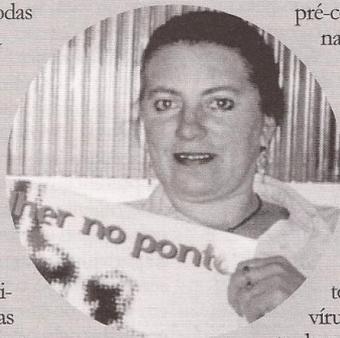


## Marcas de solidariedade

**I**niciei na prostituição em 1986, e como todas as mulheres desta profissão sofri violência por parte da polícia militar e civil e preconceito de toda a sociedade. Violências estas, que foram amenizadas a partir de denúncias feitas por um grupo de pessoas, entre elas Tina, coordenadora da instituição, as quais fundaram o NEP junto com as prostitutas no ano de 1989.

Nesta época, 30 mulheres profissionais do sexo se uniram ao grupo e foram até o Comando da Brigada Militar denunciar as práticas de violência física sofrida pelas mulheres nas ruas de Porto Alegre. A partir destas denúncias, o movimento venceu sua primeira batalha, conseguindo que os responsáveis fossem punidos.

Assim como todas as profissões a minha também tem seus altos e baixos, sendo a prostituição aquela que está mais carregada pelos estigmas e pré-conceitos enraizados na sociedade, os quais perseguem a todos nós cidadãos e cidadãs. Foi em razão destes



pré-conceitos que me uni ao grupo do NEP, me tornando militante das causas das profissionais do sexo.

Quando descobri que sou soropositiva também aprendi que sou uma cidadã com todos direitos e deveres de um ser humano, pois nessa época pude contar com o apoio do NEP, de minhas colegas de trabalho e principalmente de Tina que através do movimento me mostrou o caminho da dignidade e da auto-estima.

Gostaria de esclarecer que todo esse processo pelo qual passei serviu para o meu crescimento enquanto cidadã, por isso é que afirmo que o vírus HIV não me deixou as marcas que foram mostradas através de minha foto, mas sim, marcas de solidariedade!

Hoje, portanto, sou uma cidadã militante do movimento de profissionais do sexo! E para mim, essa foi uma grande conquista que adquiri!

**Dete**

## Respeito às desigualdades

**D**escendente de italianos e espanhóis fui voluntária de várias campanhas de saúde na cidade de Portão/RS, instrutora de Artesanato na casa de Abrigo Renascer e realizou trabalho no colégio Vila Aparecida.

Em 2000, conheci o NEP (Núcleo de Estudos da Prostituição), quando comecei minha militância. No início, como voluntária ensinei Artesanato, participei de vários eventos junto à equipe da instituição. Em 2002, passei a ser monitora dos projetos desenvolvidos na entidade. Em 2003, fui chamada para ser monitora do projeto "Damas da Prevenção" que forma profissionais do sexo como multiplicadoras de informações sobre saúde, prevenção, direitos e cidadania.

Posso afirmar que sinto orgulho de trabalhar junto às profissionais do sexo no NEP, pois com elas aprendi muito sobre a vida, por isso me realizo neste trabalho. Nossa tarefa enquanto agentes de saúde é contatar as profissionais do sexo em seus locais de trabalho e convidá-las para as oficinas que são realizadas por médicos, advogadas, psicólogas e outros profissionais.

Vejo o NEP como um lugar onde convivo com várias realidades e através destas, aprendi a não ter pré-conceito, a respeitar e aceitar cada pessoa como realmente é, ou seja, como seres humanos com suas qualidades e "defeitos"!

Aqui, aprendi que todos somos iguais em suas diferenças: brancos, negros, médicos, garís, prostitutas, todos temos os mes-

mos direitos à dignidade. Ou seja, não é porque tenho um pouco mais de estudo, que sou melhor que uma profissional do sexo que está no banco da praça esperando cliente para ganhar seu dinheiro para seu sustento e/ou de seus filhos. Aprendi que muitas mulheres que se dizem "senhoras sérias", bem casadas, também se prostituem.

Admiro aquela mulher profissional do sexo, pois ganha seu dinheiro de forma honesta, não rouba nem trafica drogas, já que estas prejudicam a si mesmas e pagam por seu delito.

Aqui aprendi que a aids não se pega com beijos, abraços, banheiros, toalhas de banho, etc. Há algum tempo atrás, quando sabia de alguma pessoa doente, a primeira reação era me afastar, não usava nem o mesmo banheiro.

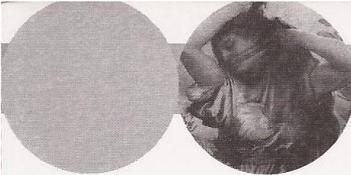
Hoje, posso afirmar que o NEP foi a melhor escola de vida que tive e estou tendo.

Obrigada NEP! Aqui, aprendi a me conhecer e a conhecer as pessoas!



**Iraci S. Matias**

*Monitora de Projetos no NEP*



# projetos



● **1999 a 2001** - Projeto "Mulher no Ponto", educação em saúde e direitos para mulheres profissionais do sexo e seus parceiros, comerciais e não comerciais, financiado pelo Ministério da Saúde com recursos da UNESCO, capacitou 230 mulheres como multiplicadoras de informações em saúde, prevenção as DST/HIV/aids e cidadania;

● **2000 a 2001** - Projeto "Mulher Cidadã", financiado pelo Fundo de Projetos de Desenvolvimento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil - IECLB. Desenvolvido em três municípios da região metropolitana: Canoas, Viamão e São Leopoldo, realizando atividades de reinserção social para mulheres profissionais do sexo em suas comunidades de origem, trabalhando questões de cidadania, auto-estima e saúde;



● **2000 a 2001** - Projeto "Assessoria Institucional", realização de capacitação para equipes de ONGs e profissionais de SAEs e/ou CTAs em cinco municípios, para o atendimento integral de profissionais do sexo, financiado pelo Ministério da Saúde, com recursos da UNDCP;

● **2000 a 2001** - "Pesquisa Nacional de Avaliação da Efetividade das Ações de Prevenção Dirigidas à Profissionais do Sexo", com o objetivo de qualificar o resultado das ações de informação, educação e comunicação em saúde, implementadas por OG e ONG, em termos da redução da incidência pelo HIV e outras DST, da adoção de práticas sexuais e/ou uso de drogas de forma segura e do empoderamento, direcionados a profissionais do sexo, mediante a comparação de grupos submetidos a intervenção realização de investigação sorológica;

● **2002** - "Sistema de Monitoramento e Avaliação de Projetos - SMA". Projeto piloto de informatização das atividades, programa do MS e UNESCO, realizando pesquisa junto à 1.090 mulheres profissionais do sexo participantes do NEP.

● **2002** - Projeto "Nova Abordagem aos profissionais do sexo" o NEP participou como instrutor do projeto da Secretaria de justiça e Segurança na disciplina de movimentos sociais para novos policiais, junto ao projeto "Nova Abordagem com Profissionais do Sexo".

● **2002** - Pesquisa BEMFAM, Análise de demandas por Ações de prevenção de HIV/aids no sul do Brasil, realizando entrevistas com mulheres profissionais do sexo, caminhoneiros, UDI e homossexuais.

● **2002** - Projeto "Mulher 'Experta'", teve como objetivo desenvolver trabalho educativo/preventivo junto as mulheres profissionais do sexo soropositivo, visando incentivar a adesão ao medicamento e a hábitos alimentares saudáveis para a melhoria da qualidade de vida.

● **2002** - Projeto "Esquina na Noite": região sul - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; capacitação de 13 Organizações da Sociedade Civil, ampliando as ações de prevenção as DST/HIV/aids e auto-organização junto a profissionais do sexo (travestis, homens e mulheres) em seus municípios, sendo realizado o monitoramento em forma de assessoramento às 12 instituições que foram acompanhadas pelo NEP na execução de seus projetos.



● **2002/2003** - Projeto "Cidadania, Educação e Prevenção - DAMAS DA PREVENÇÃO" realização de trabalho educativo/preventivo junto às profissionais do sexo de Porto Alegre, ampliando sua qualificação como pessoas-cidadãs e integrá-las junto a outras profissionais do sexo como multiplicadoras de informações em saúde, prevenção de DST/HIV/aids, direitos civis e cidadania, sendo capacitadas 229 mulheres profissionais do sexo em novos temas como: Redução de Danos entre usuárias de drogas e Adesão ao medicamento entre mulheres profissionais do sexo soropositivo;



● **2001/2003** - Projeto "Tenda dos Desejos": 2001-2003, em sua primeira etapa foram realizadas 64 intervenções em novos territórios de prostituição e em eventos abertos em Porto Alegre, através da montagem de uma barraca tipo Gazebo 3x3 atingido todas as áreas de prostituição através de atividades lúdicas e informativas com mulheres profissionais do sexo e transeuntes que fazem parte de sua rede de inserção social com distribuição de material informativo sobre prevenção às DST/HIV/aids, preservativos masculinos/femininos, etc. também foram realizadas 72 intervenções corpo a corpo pelas monitoras. Em 2002 chegou a atingir 4.391 pessoas da população em geral e 3.270 mulheres profissionais do sexo de Porto Alegre. participação em eventos abertos, para colocação da barraca em bairros visando a realização de campanhas de prevenção junto a comunidades carentes, etc.



# eventos

● 02/11/1989 - 1ª Reunião de prostitutas, auditório do INSS, cerca de 50 mulheres denunciaram agressões e violências sofridas nas ruas e praças, cometidas pela força policial.



● 18/05/1990 - I Encontro Geral de Prostitutas, auditório da Igreja Luterana, lançamento do estatuto da AGP - Associação Gaúcha de Prostitutas, para encaminhar o registro, cerca de 80 prostitutas oficializaram denúncias contra policiais.

● 20 a 22/05/1996 - 2º Encontro Municipal de Prostitutas, Saúde e Cidadania. Gente Que Faz. Participação da presidente da Rede Nacional de Prostitutas, cerca de 80 prostitutas de vários estados discutiram, prostituição, violência e Direitos Humanos, na Usina do Gazômetro em Porto Alegre.

● 08 a 10/11/1999 - 1º Seminário Nacional do NEP: "Prostituição, Não dá pra discutir em qualquer esquina" - Prevenção, Saúde, Família, e Segurança, cerca de 100 prostitutas de vários estados participaram e discutiram sobre diversos temas.



● 2003 - Seminário de Avaliação "Projeto Esquina na Noite" regional sul: avaliação das ações de prevenção as DST/HIV/aids e auto-organização de profissionais do sexo realizadas pelas 13 instituições capacitadas pelo NEP em 2002.



● 2001-2003 - Participação no Fórum Social Mundial - caminhada pela PAZ e em todas as atividades durante todo o evento.

● 2003 - Audiência Pública Federal: Denúncia contra órgão

de segurança pela Violação de Direitos Humanos e Privação da Prostituição de rua em Porto Alegre.

● 2003 - Participação no Programa Fome Zero Estadual e Municipal

● 1989-2003 - 1º de dezembro Dia Mundial de Luta Contra A Aids - Atividade permanente realizada pelo NEP.

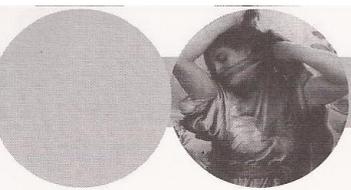


## Atividades Permanentes do NEP

- ▶ Intervenções corpo a corpo em territórios de prostituição públicos (ruas, parques, praças) e privados (boates, bares, drinks, salas, etc.);
- ▶ Oficinas de Saúde e sexo seguro com mulheres profissionais do sexo e pessoas interessadas, com a participação de instrutor - médico ginecologista;
- ▶ Oficinas sobre direitos humanos e cidadania com profissionais da área do direito;
- ▶ Oficinas de incentivo a redução de danos no uso de drogas lícitas e ilícitas;
- ▶ Oficinas sobre adesão ao medicamento e nutrição para melhor qualidade de vida entre mulheres profissionais do sexo soropositivo e/ou doentes de aids;
- ▶ Distribuição de Preservativos Masculinos e Femininos que são retirados na instituição pelas mulheres profissionais do sexo;
- ▶ Encaminhamento jurídico frente as

- denúncias de violência e constrangimento à prostituição;
- ▶ Atendimento psicológico conforme demanda das próprias profissionais do sexo;
- ▶ Orientação para procura de atendimento médico nos serviços de saúde;
- ▶ Intervenção com a "Tenda dos Desejos" em Bairros de Porto Alegre como forma de incentivar a prevenção junto a população em geral;
- ▶ Participação no Programa Fome Zero Estadual e Municipal através do Fórum de ONG AIDS/RS;
- ▶ Participação em Encontros Nacional e Regional de ONGs que trabalham com Prevenção as DST/HIV/aids;
- ▶ Representação no Fórum ONG/aids/RS discutindo o fortalecimento do movimento de luta contra as DST/HIV/aids;
- ▶ Representação na Comissão

- Municipal de DST/HIV/aids discutindo formas adequadas de atendimento pela rede de saúde e estratégias para o enfrentamento das DST/HIV/aids;
- ▶ Representação nos Conselhos Estadual e Municipal de Direitos Humanos buscando avançar nas discussões contra preconceito, violência e violação de direitos humanos;
- ▶ Participação nas discussões contra exploração sexual de crianças e adolescentes através do Comitê Municipal e Estadual;
- ▶ Participação nas discussões da Comissão de Associações de Moradores dos bairros Floresta e São Geraldo formada junto a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana visando construir acordos de convivência entre moradores e profissionais do sexo que trabalham nestes bairros;



# opinião

## Prostituição e cidadania

O Movimento das profissionais do sexo - NEP - que surgiu em Porto Alegre a partir de um grupo de pessoas interessadas incentivar a prevenção das DST/HIV/aids, teve como uma de suas metas trabalhar a auto-organização das mulheres profissionais do sexo investindo em temas como preconceito, discriminação e violência que sempre fizeram parte do cotidiano das prostitutas. Após o contato com essas profissionais, passaram a discutir e incentivar o exercício da cidadania como forma de evitar a violência e atrocidades daqueles que não aceitavam e não respeitavam as mulheres que trabalhavam nas ruas.

Hoje o NEP além de contar com sua coordenadora que iniciou o movimento, conta também com a participação direta das prostitutas, a maioria que trabalham nas ruas, as quais estão envolvidas em todas as atividades da instituição. Neste espaço se constroem as lutas que são de interesses comuns a todas, bem como o respeito entre as pessoas e a sociedade. A partir de experiências concretas de participação política nesse movimento, foi possível exigir de órgãos competentes a garantia de direitos considerados fundamentais na luta pela cidadania. Para nós militantes do movimento, a participação é entendida como posição de protagonista de destaque, em que todas as decisões passam por discussão coletiva.

A participação efetiva de prostitutas no movimento torna-se fundamental para a cidadania, pois nos transforma em sujeitos da construção de uma nova ética, de justiça social e de direitos humanos. Entendemos que a "democracia da participação" só é possível a partir do interesse e da capacidade de participar como ator na construção da sociedade democrática.

Entretanto, a participação das mulheres



prostitutas no movimento pode assumir diferentes formas, mas não pode ser entendida como dádiva, concessão ou algo pré-existente, também é uma conquista. Essencialmente, significa estar presente neste espaço e contribuir de alguma forma, permitindo a cobrança de retorno, a possibilidade de defesa e da conquista de cidadania.

A questão que nos remete a discussão sobre a participação das mulheres prostitutas no NEP é refletir sobre este espaço, o qual promove projetos a partir de uma relação diferente apostando nas próprias mulheres como sujeitos da prevenção as DST/HIV/aids, a saúde integral, ao trabalho, a liberdade, a segurança, e principalmente, a autonomia, o respeito e a dignidade. Estes projetos, portanto, se inserem num processo novo, diretamente ligado ao rompimento de

valores socialmente legitimados, pois permitem repensar as práticas da organização não como o refúgio de cidadãs, mas como um espaço de relações sociais no qual ressurgem as identidades, tais como elas estão constituídas.

Entendemos que nosso papel como profissionais do sexo no movimento deve ser de ação política de mobilização como forma de agir pelos direitos, mas devemos entender que estes direitos não se compõem apenas do conhecimento da legislação pelo acesso à justiça, a liberdade e a igualdade. E sim, de entendermos a cidadania não apenas como um modelo absoluto de felicidade, mas como um potencial de ação individual e coletiva rica em imaginação, criação e esperança.



**Carmen Lucia Paz**

*Prostituta há 20 anos  
Secretária Executiva do NEP  
Cientista Social*



# previna-se

## O que são estratégias de prevenção?

**É** estar informada, antecipadamente, sobre situações que envolvem determinados riscos e seus cuidados. Sua Saúde vale ouro.

É importante para você saber tudo sobre sua saúde bem como sobre situações que envolvem riscos. Assim, você vai ter uma vida mais feliz e segura.

Seu corpo é o centro de tudo, ame-se cuidando dele.

As DSTs - doenças sexualmente transmissíveis, quando não tratadas a tempo podem causar problemas sérios como

a infertilidade e, durante a gravidez, pode atingir o feto e o recém nascido.

Fique de olho! Fique viva! Cuide-se e Proteja-se sempre!

**Como é possível se proteger das doenças que se pega pelo sexo?**

Usando sempre e corretamente a camisinha em todas as relações sexuais, seja ela com cliente ou mesmo com seu companheiro.

### Como usar corretamente a camisinha masculina



1. Ponha a camisinha quando o pênis estiver duro



2. Aperte a ponta para o ar sair (é aí que o esperma vai ficar)



3. Desenrole até embaixo cuidadosamente



4. Tire a camisinha com o pênis ainda duro



5. Use a camisinha uma vez só. Depois dê um nó e jogue-a no lixo

### Como usar corretamente a camisinha feminina



1. Aperte o anel interno (dentro da camisinha) e introduza-o na vagina

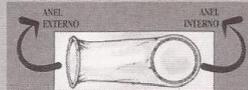


4. Terminada a relação, retire a camisinha dando uma torcida na argola externa para que o

esperma não escorra. Puxe-a com cuidado e jogue-a na lixeira



2. Empurre até um pouco acima do osso púbico



● A camisinha feminina pode ser colocada até 8 horas antes da relação.

● Nunca use a camisinha feminina junto com a camisinha masculina.



3. Repare que o anel externo fica para fora, cobrindo a vulva. Isso aumenta a proteção

### Previna-se contra o câncer de mama



1. Deite com a barriga para cima e coloque uma almofada debaixo do ombro esquerdo. Descanse a cabeça em cima da mão esquerda



2. Junte os três dedos do meio de sua mão direita e aperte suavemente seu seio esquerdo. Procure nódulos ou pontos endurecidos.



3. Para examinar corretamente, vá percorrendo o seio em espiral, começando na axila e indo até o mamilo.

● O câncer de mama pode levar a amputação dos seios, mas pode ser evitado com a prevenção através do auto exame e da mamografia.

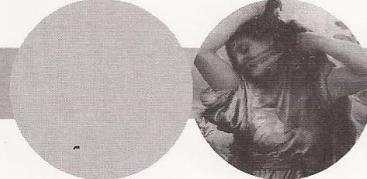
● Lembre-se de repetir o exame no outro seio

#### Previna-se também do câncer do colo do útero.

Ele pode ser evitado através de exames feitos a cada seis meses por um médico ginecologista. Este exame é chamado PAPANICOLAU, é indolor, e pode ser feito na rede pública de saúde.

# Lembre-se:

**não avaliamos a saúde das pessoas pela sua aparência.** Uma pessoa que tem vida sexual ativa ao apresentar qualquer sinal de DST, deve procurar logo o serviço de saúde. Essa pessoa, deve falar com seu parceiro sexual, para que procure um serviço de saúde também.



# seus direitos

## Endereços úteis

### ● Delegacia da Mulher

Rua Freitas de Castro, s/n°, Azenha (junto ao palácio da polícia).  
Porto Alegre/RS  
Fone: (51) 3228.2172

### ● Ministério Público Federal no RS

Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos Humanos  
Praça Rui Barbosa, 57, 14° andar  
Porto Alegre/RS  
Fone: (51) 3284.7201

### ● Ministério Público Estadual

Promotoria Estadual de Justiça de Defesa dos Direitos Humanos  
Rua Gen. Câmara, n° 352, 2° Andar, Centro  
Porto Alegre/RS  
Fone/Fax: (51) 3288.8212  
E-mail: dhumanos@mp.rs.gov.br

### ● Assembléia Legislativa

Comissão de Cidadania e Direitos Humanos  
Praça da Matriz, s/n°, Centro  
Porto Alegre/RS  
Fone: (51) 3210.2095

### ● Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana

Rua João Manoel, n° 50, 8° Andar, Centro  
Porto Alegre/RS  
Fone: (51) 3212.6773 - 3211.4297

### ● Conselho Municipal dos Direitos da Mulher - Comdim

Mercado Público Central, sala 116,  
Porto Alegre/RS  
Fone: (51) 3286.6787 - 3286.3692  
E-mail: comdim@gp.prefpoa.com.br

### ● Themis - Assessoria Jurídica e Estudos do Gênero

Rua dos Andradas, 1137, sala 2205, Centro  
Porto Alegre/RS  
Fone: (51) 3212.0104  
E-mail: themis@themis.org.br

## DIREITOS HUMANOS

Prostituição não é crime é uma atividade reconhecida na CBO - Classificação Brasileira de Ocupação, Ministério do Trabalho e da Previdência Social e ninguém pode ser presa e agredida.

## Teste de HIV

Locais onde se pode fazer o teste HIV de forma anônima e gratuita, todos os dias:

### ● Centro de Testagem e Aconselhamento Paulo César Bonfim

Rua Manoel Lobato, 151 - PAM 3  
Vila dos Comerciantes, Porto Alegre/RS  
Fone: (51) 3230.3050

### ● Centro de Testagem e Aconselhamento Caio Fernando de Abreu

Av. Bento Gonçalves, 3722.  
Partenon, Porto Alegre/RS  
Fone: (51) 3336.1399

### ● Ambulatório de Dermatologia Sanitária

Av. João Pessoa, 1327  
Santana, Porto Alegre/RS  
Fone: (51) 3221.5408 - 3225.5207 - 3221.2413

## Informações

Onde procurar informações e apoio

### ● NEP - Núcleo de Estudos da Prostituição

Rua Capitão Montanha, n° 27, 6° Andar, Centro  
Porto Alegre/RS  
Fone/Fax: (51) 3224.1560 - 9913.4046 - 619.0152  
E-mail: neppoa@portoweb.com.br  
neppro@hotmmail.com

### ● Vhiva Mais

Rua Santos Ferreira, 1355  
Canoas/RS  
Fone: 51 - 3032.6328

### ● RNP - Núcleo Porto Alegre

Rua Lopo Gonçalves, 626  
Cidade Baixa, Porto Alegre/RS.

# Sem vergonha de ser puta

Então cá estou no bar do Mario tentando escrever minha coluna depois de alguns anos sem escrever. Mentirinha! Neste momento já não estou no botequim. Estou em casa. Não consegui escrever no bar do Mario, o que era minha intenção desde que o **Beijo na rua** novamente se tornou realidade. Porque não consegui? Ora, vim de uma reunião muito chata e o que me salvou foi a companhia de uma colega prostituta, que também estava na reunião chata. E daí sentamos no bar, bebemos e bebemos, relembramos o passado de nossa vida na velha Vila Mimosa, e o tempo passou e não escrevi minha coluna no bar do meu querido Mario como queria desde sempre. Mas valeu! Valeu porque não é sempre, hoje em dia, que posso ficar lembrando a velha profissão. Hoje a profissão é nova. Hoje mudamos de nome. Somos garotas de programa (e os operários, camelôs, guardinhas de banco, os simplesmente desocupados, onde ficam?). Temos também um nome politicamente correto: somos profissionais do sexo. Chiquêrrimo e detestável! Não diz absolutamente nada.

Hoje em dia, algumas pessoas até discutem: o termo profissional do sexo. Dizem os intelectuais, especialistas em prostituição, e algumas associações de prostitutas que não podemos nos autodenominar de profissionais do sexo porque simplesmente a prostituição não é uma profissão. Então, corrigindo o grande erro, dizem que devemos nos autodenominar trabalhadoras do sexo. Entenderam a profundidade da questão? Devemos entender que trabalhadoras são as pessoas (a grande maioria da sociedade) que lutam muito para sobreviver, mas que não têm nada, só trabalham. Sofrem, sofrem e sofrem. Perceberam? Nos colocaram no mesmo patamar de todo mundo.

Neste momento em que escrevo e que estou muito, mas muito feliz, porque o **Beijo na rua**, nosso amado pasquim, novamente volta a ativa, também estou puta da vida. Outra vez escondendo o que somos. Não importa que hoje estamos organizadas, falamos em público e conseguimos com todo o preconceito deixar de ser invisíveis. Temos a vergonha de ser simplesmente e singelamente putas!

Sintam que palavra linda, sonora e importante. Puta, que é o nome da nossa

atividade e também um grande palavrão, uma grande ofensa. Dizem os machões de plantão: "Me chamem de qualquer coisa, mas não chamem minha mãe de puta". Éo máximo! Tudo isso quer dizer que somos únicas. Quer dizer também que nossos filhos são nada mais, nada menos, que filhos da puta. Percebem? Nossos filhos nunca, se assumirmos nossa identidade, se sentirão ofendidos se forem chamados de filhos da puta. E um dia, que tenho certeza chegará, ser filho da puta haverá de ser um elogio e não uma ofensa. Mas isso depende de nós, putas. Se continuarmos a ter vergonha de ser chamadas de putas e continuarmos a inventar nomes babacas para a nossa atividade profissional, não só os nossos filhos continuarão a ter vergonha de nós, como o preconceito com relação ao que fazemos continuará forte.

Eu amo a infinidade de nomes que no decorrer dos tempos inventaram para nós: prostituta, meretriz, mariposa, quenga, mulher de vida fácil, mulher da vida e a mais sonora de todas puta. Também gosto muito de meretriz, mas meretriz tem cheiro de antigo, não tem a sonoridade de puta e acredito que as jovens não devem ter muita paciência para uma palavra que cheira a mofo.

Estava pensando: existe um poeta que amo de paixão, Manuel Bandeira, que tem uma poesia linda chamada "Vou me embora para Pasargada". É linda porque Pasargada é o lugar ideal onde ele pensou em viver, daí pelas tantas Bandeira diz: "Lá tem prostitutas bonitas para a gente namorar". Imaginem vocês Manuel Bandeira vivo, hoje, e tendo que escrever: "Lá tem profissionais do sexo bonitas para a gente namorar". Acabaria aí o poeta e a poesia e surgiria o militante. Entre o poeta e o militante, fico com o poeta. É muito mais prazeroso, faz muito mais bem à alma. Vamos ser putas, meretrizes, prostitutas, mulheres da vida... Todos os nomes. Quem sabe um dia além de putas assumidas podemos chegar a ser poetas. Putas da vida assumidas e vividas, sem vergonhas e sem medos. Mulheres putas sem maiores explicações.

Gabriela Silva Leite



Foto: Beijo da rua - Marcos Silva

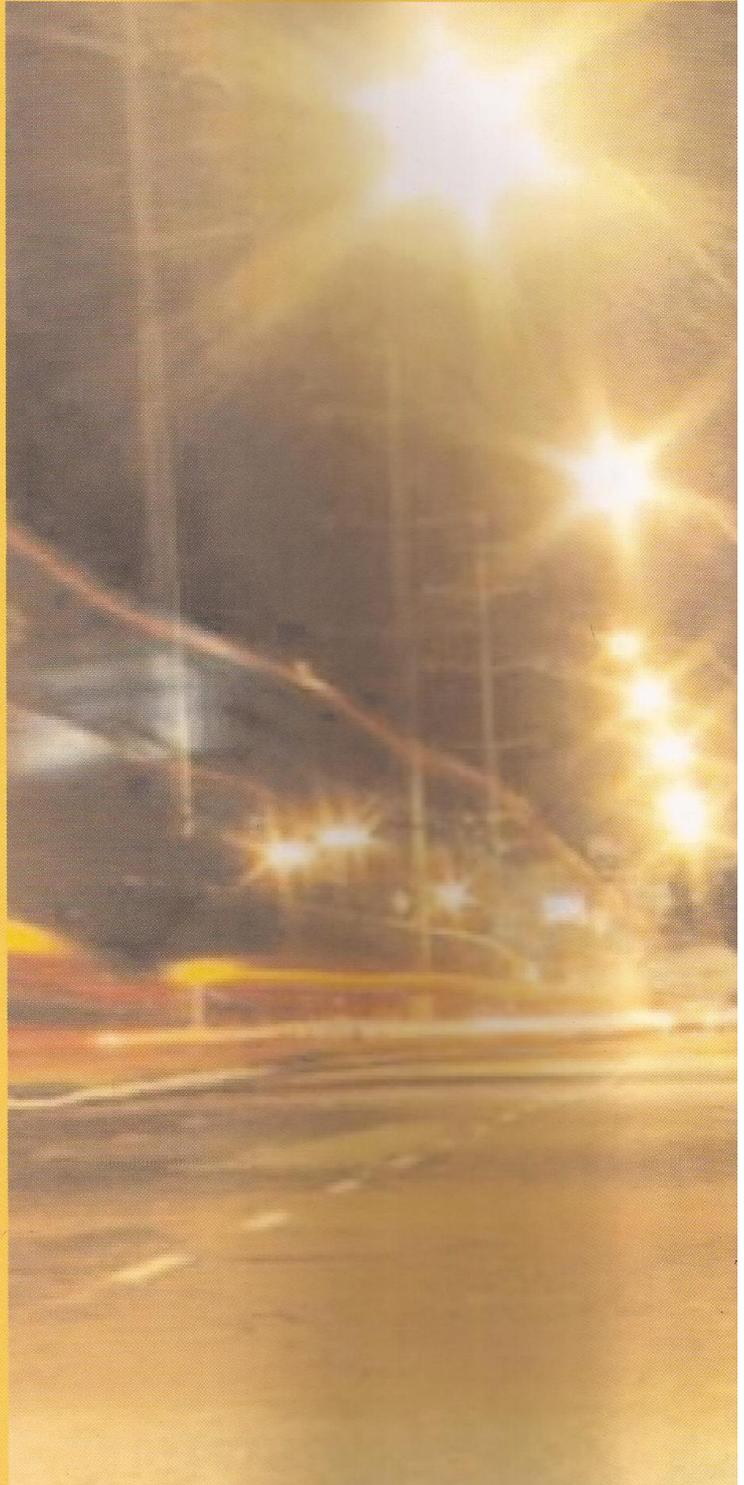
▲ Artigo originalmente publicado na edição de março de 2002 do jornal **Beijo da Rua**, veículo de comunicação editado pela organização **Davida/RJ**



## **Núcleo de Estudos da Prostituição**

Altos do Mercado Público Central, sala 116.  
Porto Alegre/RS - Cep: 90020-070  
Fone/Fax: (51) 3224.1560 - 9913.4046  
E-mail: [neppoa@portoweb.com.br](mailto:neppoa@portoweb.com.br)  
[nepprost@hotmail.com](mailto:nepprost@hotmail.com)

Rua Capitão Montanha, 27, 6º andar, Centro  
Porto Alegre/RS - Cep: 90010-040  
Fone/Fax: (51) 3224.1560 - 9913.4046 - 619.0152





3. Cópia de um projeto encaminhado ao Ministério da Saúde:

MINISTÉRIO DA SAÚDE  
SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE  
PROGRAMA NACIONAL DE DST / AIDS  
UNIDADE CENTRAL DE PROJETOS - UCP

**FORMULÁRIO DE PROPOSTA DE PROJETO**

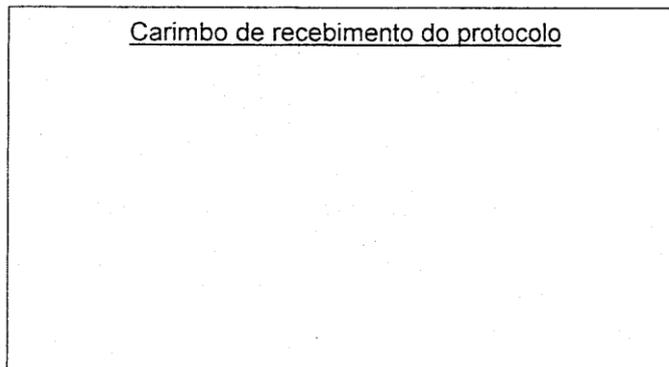
<b>TÍTULO DO PROJETO</b>
"CIDADANIA, EDUCAÇÃO E PREVENÇÃO": Estratégias para o Enfrentamento da Aids entre Mulheres Profissionais do Sexo – "DAMAS DA PREVENÇÃO".

<b>1. DADOS DA INSTITUIÇÃO MANTENEDORA</b> (instituição que será responsável pelo recebimento dos recursos e assinatura do instrumento jurídico)			
Nome da instituição: NEP - Núcleo de Estudos da Prostituição			
CNPJ: 97.056.659/0001-00			
Endereço: : Av. Júlio de Castilhos, 516, 3º Andar			
Bairro: Centro	Cidade: Porto Alegre	Estado: RS	CEP:90030-130
Telefone(s):51-619 0152	Fax:	Página na internet (home page):	
Endereço eletrônico (e-mail):neppoa@portoweb.com.br			

<b>2. DADOS BANCÁRIOS DA INSTITUIÇÃO MANTENEDORA</b> (a conta corrente deverá ser específica e aberta somente quando for aprovado o projeto)			
Banco: Brasil	N.º do banco: 001	Agência (com dígito): 3529-7	Conta (com dígito): 333.300-0

<b>3. DADOS DA INSTITUIÇÃO EXECUTORA</b> (instituição que irá executar as atividades. Se for a própria Mantenedora, não é necessário preencher os campos abaixo)			
Nome da instituição:			
CNPJ:			
Endereço:			
Bairro:	Cidade:	Estado:	CEP:
Telefone(s):	Fax:	Endereço eletrônico (e-mail):	

Carimbo de recebimento do protocolo



MINISTÉRIO DA SAÚDE  
SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE  
PROGRAMA NACIONAL DE DST / AIDS  
UNIDADE CENTRAL DE PROJETOS - UCP

**4. IDENTIFICAÇÃO DO RESPONSÁVEL PELA INSTITUIÇÃO MANTENEDORA**

<b>4.1. Responsável pela assinatura do instrumento jurídico</b>			
Nome completo: Horizontina Taborda Rovira			
Cargo: Coordenadora		Mandato: 02 anos Início: 07/10/2003 Término: 07/10/2005	
CPF: 178090100/34		Identidade: 2032624062	
Endereço: Rua Anita Garibaldi, 926,			
Bairro: Mont Serrat	Cidade: Porto Alegre	Estado: RS	CEP: 90450-000
Telefones (incluindo celular e fax): 51-99134046		Endereço eletrônico (e-mail): rovira@terra.com.br	

<b>4.2. Coordenador do projeto</b>	
Nome completo: Nilce da Silva Machado	
CPF: 586403550/53	Identidade: 8046445154
Telefones (incluindo celular e fax): 51-9828 5746	Endereço eletrônico (e-mail): neppoa@portoweb.com.br
É coordenador de outro projeto firmado com o PN? ( ) Sim (X) Não Obs.: conforme o documento oficial do PN "Parâmetros para Análise de Projetos" não é permitido ao coordenador ser remunerado por mais de um projeto.	
Nível de escolaridade:	
( ) Doutorado	(X) Ensino médio completo
( ) Mestrado	( ) Ensino médio incompleto
( ) Curso superior completo	( ) Ensino fundamental completo
( ) Curso superior incompleto	( ) Ensino fundamental incompleto

<b>4.3. Assistente de coordenação do projeto</b>	
Nome completo: Débora Cristiane Machado	
CPF: 754768270/70	Identidade: 8065547062
Telefones (incluindo celular e fax): (51) 98382258	Endereço eletrônico (e-mail):
É assistente de coordenação de outro projeto firmado com o PN? ( ) Sim (X) Não Obs.: conforme o documento oficial do PN "Parâmetros para Análise de Projetos" não é permitido ao assistente de coordenação ser remunerado por mais de um projeto.	
Nível de escolaridade:	
( ) Doutorado	(X) Ensino médio completo
( ) Mestrado	( ) Ensino médio incompleto
( ) Curso superior completo	( ) Ensino fundamental completo
( ) Curso superior incompleto	( ) Ensino fundamental incompleto

<b>5. DADOS ORÇAMENTÁRIOS DO PROJETO – RESUMO</b>
Repasse solicitado para o MS: R\$ 50.000,00
Contrapartida da instituição: R\$ 27.900,00

**MINISTÉRIO DA SAÚDE  
SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE  
PROGRAMA NACIONAL DE DST / AIDS  
UNIDADE CENTRAL DE PROJETOS - UCP**

OGP – Estado/Município:

R\$

Total da proposta (Repasse MS + Contrapartida + Estado/Município):

R\$ **77.900,00**

**6. DADOS DO PROJETO**(Se for necessário, aumentar os campos para preenchimentos das informações solicitadas)

**6.1. Tipo de projeto**

- ( ) Atenção às pessoas vivendo com HIV/AIDS  
 ( ) Informação / Educação / Comunicação  
 (X) Intervenção comportamental  
 ( ) Desenvolvimento institucional  
 ( ) Eventos  
 ( ) Assessoria jurídica  
 ( ) Estudos e pesquisas (anexar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o protocolo de entrada no Comitê de Ética em Pesquisa)

**6.2. População-alvo** (Citar qual será a população beneficiada e, resumidamente, qual é a situação epidemiológica das DST/Aids dessa população)

Pretende-se atingir de forma **direta 200 mulheres profissionais do sexo e indiretamente 1000** profissionais do sexo que trabalham em territórios públicos (ruas, praças, parques, etc.) e privados (bares, boates, drinks, salas, etc.), através da formação de multiplicadoras de informações em DST/HIV/Aids e cidadania.

Dados epidemiológicos recentes da Pesquisa de Avaliação da Efetividade das Ações de Prevenção no sul do País, na qual 354 mulheres profissionais do sexo de Porto Alegre realizaram o teste completo de sorologia promovido pela UnB e o Ministério da saúde em 2000/01, demonstram que 19% destas mulheres da região sul do Brasil, estava contaminadas com o vírus HIV. Diante desta realidade, observamos que há uma grande demanda por atividades de informações em prevenção junto às mulheres prostitutas, bem como por conhecimento de novas estratégias de prevenção das DST/HIV/AIDS e dos seus direitos para o pleno exercício da cidadania. Isto porque, apesar dos esforços e estratégias conjuntas da sociedade civil organizada, coordenação nacional, estadual e municipal para deter o avanço da epidemia, o número de casos de infecção pelas DST/HIV/Aids, Hepatite B e C continuam crescendo de forma alarmante, principalmente, entre as populações consideradas vulneráveis (profissionais do sexo, usuários de drogas, etc). Dados epidemiológicos também demonstram que mulheres com parceiros fixos e relação estável tem sido mais atingidas pelas DST/HIV/Aids, os quais constituem uma prioridade dentro das estratégias gerais do projeto. Portanto, as profissionais do sexo estão inseridas no quadro geral da população feminina, as quais, além das vulnerabilidades compartilhadas com a maioria das mulheres, acrescentam-se as da própria profissão.

**6.3. Área geográfica de abrangência** (Definir a área geográfica será desenvolvido o projeto, citando o(s) Estado(s), a(s) Cidade(s), o(s) Município(s) e o(s) Bairro(s) de atuação)

Serão atingidos os territórios de prostituição na cidade de Porto Alegre, incluindo área central e bairros como: Centro, Floresta, Azenha, São Geraldo, Ipanema, Guarujá, Praia de Belas, Cidade Baixa, Santo Antônio, Vila Ipiranga, Menino Deus, Sarandi, Protásio Alves, onde estão localizados tanto territórios públicos (praças, ruas, parques, etc) como privados (bares, boates, drinks, salas de programas) as intervenções para o recrutamento das mulheres que participarão das oficinas serão realizadas corpo a corpo pelas monitoras do projeto, que estarão em contato direto com as profissionais do sexo em seus locais de trabalho.

**MINISTÉRIO DA SAÚDE  
SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE  
PROGRAMA NACIONAL DE DST / AIDS  
UNIDADE CENTRAL DE PROJETOS - UCP**

**6.4. Vinculação do projeto às diretrizes do Programa Nacional de DST/Aids  
(Não preencher em caso de pesquisa)**

- ( X ) Reduzir a incidência da infecção pelo HIV/Aids e por outras DST.  
( ) Ampliar o acesso e melhorar a qualidade de diagnóstico, tratamento e assistência em DST/HIV/Aids.  
( ) Fortalecer as instituições públicas e privadas responsáveis pelo controle das DST e Aids.

**6.5. Estimativa de cobertura populacional  
(Não preencher em caso de pesquisa)**

<b>Pessoas beneficiadas diretamente:</b> 200 mulheres profissionais do sexo	<b>Pessoas beneficiadas indiretamente:</b> 500 mulheres profissionais do sexo
--	--

**6.6. Solicitação de insumos  
(Não preencher em caso de pesquisa)**

a) Quantidade de preservativos:

Masculinos (49 ml):	Masculinos (52 ml):	Femininos:	Sachês de gel:
	280.000 unidades	21.600 unidades	5000 unidades

b) Quantidade de redutores de danos:

Seringas: 500 unidades	Cachimbos: Aguardando resultado do projeto piloto da CN/DST/Aids do MS.
------------------------	---

**6.7. Integração com o Sistema Único de Saúde – SUS (definir qual será o envolvimento do SUS no plano de execução do projeto, bem como da Secretaria Estadual e/ou Municipal de Saúde e de Educação (quando for o caso de projetos que envolvam escolas).  
(Não preencher em caso de pesquisa)**

As atividades desenvolvidas pelo NEP estão centradas na área de promoção à saúde (com ênfase na prevenção de DST/HIV/AIDS e saúde integral da mulher) e são realizadas em consonância com os princípios que regem o Sistema Único de Saúde (SUS). Mantém, acordos e parcerias efetivas com as Secretarias Municipal e Estadual de Saúde, através das Coordenações de DST/Aids (políticas de controle de Aids), que contemplam o repasse de preservativos masculinos e femininos e gel lubrificante (cotas mensais, mediante apresentação de relatórios), além do acesso facilitado à consultas médico ginecológicas em horários adequados à realidade das mulheres profissionais do sexo (no SAE municipal do PAM3, em Porto Alegre), sensibilização para testagem consciente anti-HIV nos CTAs do estado e do município, e participação de profissionais dos serviços de saúde em atividades da instituição (palestras, oficinas, treinamentos). O processo de sensibilização de outros serviços de referência é constante, e neste projeto se dará de forma intensiva, buscando ampliar a rede para encaminhamentos necessários de profissionais do sexo aos serviços, numa perspectiva construtiva e adequada do atendimento universal em saúde. O NEP tem representante na Comissão de Aids do Município, e no Fórum Estadual ONGs/Aids, onde discute e propõem políticas públicas para o enfrentamento das DST/HIV/Aids no estado e em Porto Alegre.

**7. DESCRIÇÃO DO PROJETO (Se for necessário, aumentar os campos para preenchimentos das informações solicitadas)**

**7.1. Objetivo geral (descrever o que se deseja alcançar ao final da execução das ações do projeto).**

Dar continuidade ao trabalho educativo/preventivo junto a mulheres profissionais do sexo de Porto Alegre, através de atividades sistemáticas de integração, visando formar multiplicadoras de informações sobre prevenção de DST/HIV/AIDS, de Redução de Danos, de Adesão ao Medicamento entre mulheres HIV soropositivo e/ou doentes de Aids, contribuindo para melhoria da qualidade de vida e para o pleno exercício da cidadania desta população

MINISTÉRIO DA SAÚDE  
SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE  
PROGRAMA NACIONAL DE DST / AIDS  
UNIDADE CENTRAL DE PROJETOS - UCP

**7.2. Justificativa do projeto** (contextualizar a situação-problema que levou a instituição a desenvolver o projeto. Apresentar a análise do diagnóstico situacional da epidemia e da população-alvo, bem como a situação sócio-econômica daquela área geográfica de abrangência e o impacto previsto)

Entre as cidades brasileiras, Porto Alegre no Rio Grande do Sul, ocupa uma posição preocupante em relação aos casos notificados de infecção pelo HIV, de Hepatite B e C. Em nosso estado, as profissionais do sexo têm se constituído em um grupo prioritário no desenvolvimento de **ações de prevenção das DST/HIV/Aids**. Através do trabalho realizado em Porto Alegre há treze anos pelo NEP, constatou-se que a maior vulnerabilidade deste segmento populacional está relacionada, entre outras, às condições específicas de trabalho, à violência, ao uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas, ao preconceito e a discriminação vivida por estas profissionais em seus locais de trabalho e em suas comunidades. E apesar dos esforços e estratégias conjuntas da sociedade civil organizada, coordenação nacional, estadual e municipal para deter o avanço da epidemia, o número de casos de infecção pelas DST/HIV/Aids, Hepatite B e C continuam crescendo de forma alarmante, principalmente, entre as populações consideradas vulneráveis (profissionais do sexo, usuários de drogas, etc). Dados epidemiológicos no Brasil, de acordo com Guimarães (2001), demonstram a razão de casos entre homens e mulheres em 1986 era de 18 para um, ao passo que, atualmente, essa razão é de 1,7 caso entre homens para um caso entre as mulheres (Boletim Epidemiológico – Aids, out. 2001/mar.2002).

Frente a essa realidade, no ano de 2004, o NEP pretende dar continuidade as estratégias de prevenção as DST/HIV/Aids através da realização de oficinas temáticas com o projeto **“DAMAS DA PREVENÇÃO”**. Também prevê, **investir em novas estratégias de prevenção**, incluindo além da formação nas áreas: Redução de Danos, Adesão ao Medicamento entre mulheres HIV soropositivo e/ou doentes de Aids, informações em saúde integral, prevenção de DST/HIV/AIDS, direitos humanos e cidadania, também incluir oficinas práticas junto a mulheres profissionais do sexo soropositivo e/ou doentes de Aids, sobre melhor qualidade de vida através da alimentação, instruindo sobre o preparo e aproveitamento de cascas de legumes, de verduras, etc., numa cozinha que será montada para este fim a partir deste projeto, visando qualificá-las como pessoas-cidadãs para o repasse de informações a outras mulheres.

Através das oficinas o projeto aprofundará a abordagem da temática sobre prevenção e tratamento da **Hepatite B e C**, frente ao aumento do número de infecções no RS, buscando encaminhar essas profissionais a exames e tratamento específico aos serviços de saúde de referência no município e no estado.

No próximo ano, o projeto prevê ampliar e aprofundar todas as temáticas que envolvem a prevenção das DST/HIV/Aids, direitos e cidadania através das oficinas para a formação de mulheres profissionais do sexo ainda não atingidas pelo projeto e reforçar o conhecimento daquelas que já participam das atividades da instituição desde 1999. Pretende-se formar de forma direta, através de oficinas 200 mulheres no total, num período de 10 meses.

A realização destas oficinas tem o objetivo de ser um espaço de informação/formação e de aprendizado sobre prevenção e tratamento das DST/HIV/Aids, sexo seguro através do uso do preservativo, bem como de capacita-las para o repasse de informações à outras mulheres que não estarão necessariamente vinculadas diretamente ao projeto.

MINISTÉRIO DA SAÚDE  
SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE  
PROGRAMA NACIONAL DE DST / AIDS  
UNIDADE CENTRAL DE PROJETOS - UCP

**7.3. Métodos e técnicas / Metodologia** (descrever detalhadamente a metodologia e as técnicas que serão adotadas no desenvolvimento do plano de execução do projeto).

Para realização das oficinas, o NEP contará com profissionais capacitados em diversas áreas como prevenção as DST/HIV/Aids, saúde integral da mulher, direitos humanos, cidadania, psicologia, **nutrição**, redução de danos e adesão ao medicamento entre mulheres profissionais do sexo HIV soropositivo e/ou doente de Aids, os quais já realizam oficinas na instituição.

A participação das mulheres nas oficinas se dará através de intervenções feitas pelas monitoras, também profissionais do sexo, capacitadas para atuarem nos territórios de prostituição sendo este contato fundamental para a constituição dos grupos.

Os temas trabalhados nas oficinas serão: prostituição e prevenção, o uso e o abuso de drogas lícitas e ilícitas, o viver com HIV e Aids (mitos, preconceitos, discriminação, estigmas, DST/HIV/AIDS, adesão ao medicamento e alimentação para melhor qualidade de vida, direitos/deveres e cidadania).

As temáticas serão divididas em quatro módulos específicos: 1) prevenção as DST/HIV/Aids e Hepatite B e C; 2)direitos humanos e cidadania; 3)redução de danos; 4)adesão ao medicamento entre mulheres soropositivo e/ou doentes de Aids (**oficina prática de preparo da alimentação com aproveitamento de alimentos**).

Cada oficina contará com a participação de 10 a 20 mulheres profissionais do sexo, independente do território onde trabalham, se público (praças, parques, ruas) ou privado (casas, salas, bares, boates), no qual pretende-se atingir diretamente 200 mulheres profissionais do sexo por um período de 10 meses através de 40 oficinas, ministradas por 04 instrutores profissionais capacitadas nas temáticas do projeto.

Ao longo de 10 meses cada oficina terá 04 horas de duração, nas quais os temas serão trabalhados de forma interativa, com dinâmicas de grupo e construção coletiva ampliando empoderamento desta população no exercício de suas atividade na prostituição. A partir destas oficinas, o NEP estará realizando encaminhamentos aos serviços de saúde de saúde de referência no município e no estado, para aquelas que tiverem interesse e/ou necessidade.

A avaliação do impacto das ações será realizada através de instrumentos criados de acordo com a realidade do projeto: relatórios de intervenções corpo-a-corpo das monitoras, listas de presença das oficinas, questionário de avaliação através de coleta de relatos sobre conhecimento sobre prevenção as DST/HIV/Aids, estratégias de sexo seguro através do uso dos preservativos masculinos e femininos, de gel lubrificante, n° de preservativos distribuídos, planilha de encaminhamentos aos serviços de saúde, etc.

MINISTÉRIO DA SAÚDE  
SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE  
PROGRAMA NACIONAL DE DST / AIDS  
UNIDADE CENTRAL DE PROJETOS - UCP

8. OBJETIVOS ESPECÍFICOS (indicar cronologicamente quais são os objetivos específicos e cada resultado esperado. Se for necessário, adicionar folhas suplementares)

N.º do objetivo	Objetivo específico	Resultado esperado
1.	Organizar plano de trabalho para realização das atividades do projeto.	- Ter organizado plano de trabalho para doze meses;
2.	Atingir através de treinamento um total de 200 mulheres profissionais do sexo em oficinas temáticas e práticas através de módulos selecionados de acordo com as especificidades do projeto.	- 40% das mulheres profissionais do sexo, incluindo aquelas que são soropositivo e/ou doentes de Aids, aprenderão de forma prática como preparar e aproveitar cascas de legumes, de verduras, etc., para uma melhoria da qualidade de vida. - 80% das mulheres recrutadas nas intervenções participarão das oficinas de acordo com especificidades de cada grupo, estando aptas para o repasse de informações sobre prevenção e cidadania;
2.1.	Garantir que 70% das mulheres profissionais do sexo integrantes dos grupos sejam multiplicadoras de informações de prevenção às DST/HIV/AIDS, de redução de danos no uso de drogas, de adesão ao medicamento entre as profissionais do sexo soropositivo e/ou doentes de Aids, e de nutrição para a melhor qualidade de vida, como também de direitos humanos e cidadania junto à outras mulheres, ampliando estratégias de prevenção, permanecendo vinculadas ao projeto e as atividades no NEP.	- 70% das mulheres atingidas no projeto relatarão a adoção de práticas sexuais mais seguras em todas as relações, de redução de danos no uso de drogas, bem como de adesão ao medicamento e melhor qualidade de vida através da alimentação entre as profissionais do sexo soropositivo e/ou doentes de Aids. - 90% das mulheres atingidas nas oficinas relatarão a adoção de novas estratégias de prevenção às DST/HIV/Aids, de práticas sexuais mais seguras com seus parceiros comerciais e/ou fixos. - 90% das mulheres atingidas reconhecerão seus direitos humanos fundamentais e o que fazer em caso de violação destes.
3.	Integrar 70% das mulheres profissionais do sexo de Porto Alegre aos serviços de saúde disponíveis.	- Ao final de 12 meses, aumentará em 70% o número de encaminhamentos à consultas gerais e de testagem consciente de Anti-HIV, de hepatite B e C como também de exames de carga viral e CD4 entre mulheres profissionais do sexo soropositivo e/ou doentes de Aids.

MINISTÉRIO DA SAÚDE  
SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE  
PROGRAMA NACIONAL DE DST / AIDS  
UNIDADE CENTRAL DE PROJETOS - UCP

4.	Distribuir material informativo para as participantes das oficinas e para mulheres atingidas nas intervenções	- Que 100% das participantes das oficinas e nas intervenções, tenham acesso a material informativo específico sobre as temáticas trabalhadas;
4.1.	Incentivar práticas sexuais mais seguras com parceiros comerciais e não comerciais.	- Ao final de 10 meses, 90% das profissionais do sexo atingidas no projeto relatarão a adoção de práticas sexuais mais seguras.
4.2.	Incentivar a prevenção entre usuárias de drogas (Injetável e usuárias de Crack) dando acesso ao Kit Redução de Danos (seringas descartáveis e Cachimbos).	- Que ao final de 10 meses 40% das profissionais do sexo (UDI) e usuárias de Crack tenham aderido ao Kit de troca de seringas e a outras ações de redução de danos.

MINISTÉRIO DA SAÚDE  
SECRETARIA DE VIGILANCIA EM SAÚDE  
PROGRAMA NACIONAL DE DST / AIDS  
UNIDADE CENTRAL DE PROJETOS - UCP

9. PLANO DE EXECUÇÃO DO PROJETO (Indicar as ações a serem executadas para atingir os resultados esperados pelo cumprimento aos objetivos específicos. Se for necessário, adicionar folhas suplementares)

N.º do obj.	N.º	Atividades Descrição	Período de execução																
			01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12					
1.	1.1.	Organizar mapeamento para recrutamento das mulheres profissionais do sexo para realização das oficinas.	X	X	X														
	1.2.	Realizar reuniões de definições de conteúdos programáticos, temáticas e metodologia para realização das oficinas.	X	X	X														
2.	2.1.	Adquirir equipamentos (fogão e Refrigerador) para realização de 10 oficinas prática de Adesão a uma melhor qualidade de vida através da alimentação.	X	X	X	X													
	2.2.	Realizar 04 oficinas mensais com duração de 04 horas durante 10 meses, com temáticas específicas divididas em 04 módulos, ministradas por profissionais capacitados em diversas áreas com grupos de 10 mulheres, incluindo oficina prática com mulheres profissionais do sexo soropositivo e/ou doentes de Aids e com usuárias de drogas lícitas e ilícitas para formação de 200 mulheres profissionais do sexo.			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
	2.3.	Incentivar estratégias de sexo seguro através do uso do preservativo masculino e feminino e uso de gel com seus parceiros.			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
	2.4.	Incentivar mulheres profissionais do sexo participantes das oficinas a realizar denúncias em caso de violência e de violação dos direitos humanos.			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
3.	3.1.	Referir, com ênfase nas oficinas, os serviços de saúde de referência em Porto Alegre e na região metropolitana.			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
4.	4.1.	Elaborar, produzir e distribuir 8.000 cartilhas temáticas/informativas de acordo com especificidades trabalhadas nas oficinas.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X			



